



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

THAIS RODRIGUES FARIAS

UMA BREVE ANÁLISE DO EMPREENDEDORISMO FEMININO NO BRASIL

**SANTARÉM-PA
2023**

THAIS RODRIGUES FARIAS

UMA BREVE ANÁLISE DO EMPREENDEDORISMO FEMININO NO BRASIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso de Ciências Econômicas, para obtenção do grau de bacharel em Ciências Econômicas, pré-requisito para a aprovação do Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Oeste do Pará.
Orientador: Prof. Dr. Sandro Leão.

SANTARÉM-PA
2023

THAIS RODRIGUES FARIAS

UMA BREVE ANÁLISE DO EMPREENDEDORISMO FEMININO NO BRASIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso de Ciências Econômicas, para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas, pré-requisito para a aprovação do Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Oeste do Pará; área de concentração.

Conceito: 9,00

Data de Aprovação: 27/01/2023

Sandro Agostinho Viegas Leão

Professor Dr. Sandro Leão – Orientador
Universidade Federal do Oeste do Pará

Zilda Santos

Prof. Dra. Zilda Joaquina Cohen Gama dos Santos
Universidade Federal do Oeste do Pará

Helton Xavier Viana

Prof. Ms. Helton Xavier Viana
Universidade Federal do Oeste do Pará

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

F224b Farias, Thais Rodrigues
Uma breve análise do empreendedorismo feminino no Brasil./ Thais Rodrigues
Farias. – Santarém, 2023.
52 p. : il.
Inclui bibliografias.

Orientador: Sandro Leão.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do
Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Bacharelado em Ciências Econômicas.

1. Inovação no mercado. 2. Igualdade de gênero. 3. Oportunidade de trabalho. I.
Leão, Sandro, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 331.40981

Este trabalho é dedicado as pessoas que estiveram ao meu lado ao longo da vida: meus pais Gilmar e Margarete, minha irmã Tamires e meus amigos que sempre acreditaram em mim.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer e dedicar este trabalho as seguintes pessoas:

Minha família, minha mãe Margarete, meu pai Gilmar e minha irmã Tamires por todo amor, apoio e incentivo nos momentos difíceis.

Minha esposa, Bruna por todo o carinho e compreensão no dia a dia.

Meus amigos, principalmente Halan Douglas, Maryllin e Vivian por toda a jornada do ensino fundamental até aqui, que nem a distância mudou esse carinho especial que temos.

Meus amigos de universidade, a todos da turma que fizeram e fazem parte dessa conquista, fica meu carinho e respeito pelos novos Economistas, em especial à Carol, Gilana, Jessica e Raissa.

Meus amigos do trabalho, em especial a Maysa Fernandes por me ajuda nessa jornada.

Meus professores como um todo, com carinho especial à Wandicleia Lopes, Girlian Sousa, Sandro Leão e Andrea Leão por todo apoio e dedicação fora e dentro da sala de aula.

Meu orientador e professor Sandro Leão, por toda a paciência, encorajamento e ensinamentos ao longo da universidade e na realização desse trabalho.

Por fim, deixo meu agradecimento a todas as pessoas que não estão listadas aqui, mas que de uma forma fizeram parte dessa conquista.

“Acredito ser direito uma mulher receber um salário igual ao colega que exerce a mesma função. Eu acho correto que eu possa tomar decisões sobre meu próprio corpo. Eu acho correto ter mulheres envolvidas, como minhas representantes nas áreas políticas e nas decisões que influem sobre a minha vida. Eu acho correto que, socialmente, receba o mesmo respeito que os homens.”

Emma Watson

RESUMO

O objetivo do presente trabalho foi analisar como as questões de gênero afetam o empreendedorismo no Brasil. As dificuldades encontradas pelas mulheres, em uma sociedade que tem preconceitos e uma visão predominantemente masculina de negócios, o que gera falta de credibilidade em cima das mulheres, dessa forma, é preciso compreender o que leva as mulheres a empreender e quais suas maiores motivações, apesar dos obstáculos. O método utilizado para resolver o problema da pesquisa foi a qualitativa e de caráter exploratório como levantamento bibliográfico. O presente estudo mostrou que o Brasil nos últimos anos (2015 a 2019) apresentou um crescimento significativo em relação ao empreendedorismo, assim como avanço significativo na contribuição do sexo feminino na economia, aumento do empreendedorismo por oportunidade. Isso pode ser comprovado nos anos de 2018 e 2019 houve aumento nas taxas de empreendedores iniciais (TEA) e empreendedorismo estabelecido (TEE) tanto para o gênero masculino quanto para o feminino. A taxa de específica-eficiência foi maior para os empreendedores iniciais (TEA) do sexo masculino apenas na 1ª avaliação, enquanto os empreendedores iniciais (TEA) do sexo feminino se destacaram na 2ª e 3ª avaliação. E na 1ª, 2ª e 3ª avaliação, a taxa específica de eficiência foi maior para o empreendedorismo estabelecido (TEE) do sexo masculino quando comparou-se com o (TEE) feminino. O empreendedorismo oportunidade (TEO) masculino foi superior ao feminino, observando que o empreendedorismo estabelecido (TEE) feminino se manteve muito baixo nas três avaliações. Apesar de observar a estabilidade e maior período de sobrevivência dos negócios para o sexo masculino. Vale ressaltar a ascensão de empreendedores iniciais para o sexo feminino, contribuindo para o desenvolvimento da economia brasileira ao iniciarem atividades lucrativas, gerando empregos e rendas, e reduzindo de forma gradativa o preconceito de gênero para essas atividades. Contudo, este é um tema abrangente onde há muito o que ser estudado. Assim, apresenta-se como sugestão para trabalhos futuros o aprofundamento do estudo do empreendedorismo e o preconceito de gênero, o que poderia trazer mais resultados, e serviria de comparativo com os dados obtidos no presente trabalho. Além disso, vale ressaltar a contribuição deste estudo sobre empreendedorismo feminino, trazendo importantes resultados que contribuem para uma maior compreensão da mulher que busca no empreendedorismo uma forma de se desenvolver profissionalmente e de se libertar dos preconceitos impostos pela sociedade.

Palavras-chave: Inovação No Mercado. Igualdade De Gênero. Oportunidade De Trabalho.

ABSTRACT

The objective of the present work was to analyze how gender issues affect entrepreneurship in Brazil. The difficulties encountered by women, in a society that has prejudices and a predominantly male view of business, which generate a lack of credibility on top of women, in this way, it is necessary to understand what leads women to undertake and what are their greatest motivations, despite obstacles. The method used to solve the research problem was the Qualitative and exploratory method as a bibliographic survey. The present study showed that Brazil in recent years (2015 to 2019) has shown significant growth in relation to entrepreneurship, as well as a significant advance in the contribution of women to the economy, an increase in entrepreneurship by opportunity. In the years 2018 and 2019, there was an increase in the rates of initial entrepreneurs (TEA) and established entrepreneurship (TEE) for both males and females. The specific-efficiency rate was higher for male initial entrepreneurs (TEA) only in the 1st evaluation, while female initial entrepreneurs (TEA) stood out in the 2nd and 3rd evaluation. And in the 1st, 2nd and 3rd evaluation, the specific efficiency rate was higher for male established entrepreneurship (TEE) when compared to female (TEE). Opportunity entrepreneurship (TEO) for men was higher than for women, noting that female established entrepreneurship (TEE) remained very low in the three assessments. Despite observing stability and longer business survival period for males. It is worth mentioning the rise of female initial entrepreneurs, contributing to the development of the Brazilian economy by starting profitable activities, generating jobs and income, and gradually reducing the gender bias towards these activities. However, this is a broad topic where there is much to be studied. Thus, it is presented as a suggestion for future work the deepening of the study of entrepreneurship and gender prejudice, which could bring more results, and would serve as a comparison with the data obtained in this work. In addition, it is worth mentioning the contribution of this study on female entrepreneurship, bringing important results that contribute to a greater understanding of women who seek in entrepreneurship a way to develop professionally and to free themselves from the prejudices imposed by society.

Keywords: Market Innovation. Gender Equality. Job Opportunity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. As taxas dos empreendedores iniciais (TEA) e as taxa de empreendedorismo estabelecido (TEE). Brasil 2017.....	24
Figura 2. Participação de homens e mulheres na economia solidária segundo o Primeiro Mapeamento Nacional da Economia Solidária.....	29

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Total de matrículas na graduação por área geral do conhecimento e sexo.....	30
Tabela 2. Análise das taxas dos empreendedores iniciais (TEA) e das taxas de empreendedorismo estabelecido (TEE) ao longo de cinco anos.....	33
Tabela 3. Análise das taxas Específica - Eficiência dos empreendedores iniciais (TEA) e das taxas de empreendedorismo estabelecido (TEE).....	35
Tabela 4. Análise das taxas do empreendedorismo oportunidade (TEO) masculino e feminino em relação a taxa de empreendedorismo estabelecido (TEE) feminino.....	35

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. REVISÃO DA LITERATURA	14
2.1. Conceitos Iniciais	14
2.2. O Empreendedorismo E A Teoria Schumpeteriana	16
2.3. Os Principais Estudos Sobre O Empreendedorismo Feminino No Brasil	19
3. ANALISE DOS INDICADORES DO EMPREENDEDORISMO FEMININO NO BRASIL	26
3.1. Estudos Do GEM	26
3.2. Empreendedorismo No Brasil	27
3.3. Empreendedorismo Feminino No Brasil	30
3.4. Dificuldades Para O Empreendedorismo Feminino No Brasil.	33
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, ter um negócio próprio é bastante burocrático adicionando o gênero como peso, tornando-se ainda mais difícil a abertura de portas, principalmente quando se trata do gênero feminino em comparação ao masculino. O tabu que se estende de gerações em gerações, acaba tendo reflexo nos tempos atuais, com essa visão equivocada os empreendimentos femininos entram no mercado empresarial com desvantagem, pois a credibilidade em cima do gênero se torna mais importante que o talento em si (BARROS e MOURÃO, 2018). Com essa realidade, é possível explorar as questões que abrangem o tema relatando minuciosamente as desvantagens que o “sexo frágil” tem que enfrentar para conquistar seu espaço no mundo dos negócios.

O empreendedorismo, é um segmento de negócio que tem como suas principais bases a criatividade, a geração de ideias e o reconhecimento da oportunidade, por isso começar uma empresa do zero e fazê-la crescer é algo que requer determinação e coragem. Na maioria das vezes requer ajuda de terceiros, tais como bancos para poder captar recursos que serão usados para a abertura do empreendimento. O empreendedorismo feminino segue o mesmo padrão, porém sofre mais dificuldades durante o seu processo de desenvolvimento, mulheres apesar de serem consideradas multitarefas ainda são criticadas no mercado de trabalho por serem rotuladas de “dona de casa”, o que não diminui sua capacidade de gerenciar um negócio próprio ou se tornar a gestora principal em uma empresa (LA ROVERE et al., 2019).

Dessa forma, há uma necessidade de análise econômica nas pequenas e médias empresas que por sua vez refletem diretamente no crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil, tendo como característica principal o empreendedorismo feminino e tudo que engloba o universo das empresárias na busca pela independência financeira (BARROS e MOURÃO, 2018). Partindo do exemplo de como saber administrar uma microempresa, e as dificuldades encontradas pelas mulheres, o tema se mostra de suma importância para que sejam explorados os componentes por trás de uma empresa, como a sociedade se comporta ao ver uma mulher na administração do seu próprio negócio, e como também a conduta dos bancos e a credibilidade depositada em cima das mulheres, são fatores de extrema importância dentro da sociedade atual, bem como as estratégias para solucionar essas questões em busca de uma sociedade mais justa e igualitária (ALPERSTEDT et al., 2014). Portanto, é preciso compreender o que leva as mulheres a empreender e quais suas maiores motivações, levando em considerações todos os obstáculos enfrentados em um universo predominantemente masculino .

Esta pesquisa apresenta como objetivo geral, analisar como as questões de gênero afetam

o empreendedorismo no Brasil, que foi alcançado por meio da definição de objetivos específicos, conforme apresentado a seguir:

a) Analisar os dados sobre empreendedorismo feminino no Brasil;

b) Apresentar as dificuldades encontradas pelas mulheres no campo empresarial e sua habilidade de multitarefas, dentro do contexto do empreendedorismo.

O método utilizado para resolver o problema da pesquisa desse trabalho foi a pesquisa qualitativa que para Prodanov e Freitas (2013), é a que considera existir uma ligação entre o sujeito e o mundo que não seja necessariamente obrigatória a expressão numérica, pois, não se preocupa com a representação de números. A preocupação da pesquisa qualitativa é em explicar o porquê das circunstâncias, com o aprofundamento do conhecimento, em produzir ideia e nova informação, que compreenda e explique a prática das relações sociais, sem quantificar o valor. Portanto, a presente pesquisa tem caráter exploratório, o qual utilizou de levantamento documental como instrumento para obter as informações em relação ao gênero e as oportunidades no empreendedorismo.

Foram utilizados relatórios do banco de dados do Global Entrepreneurship Monitor (GEM), bem como levantamento bibliográfico em monografias, artigos científicos, dissertações, teses e livros dentre outros existentes sobre o tema empreendedorismo, empreendedorismo feminino, teoria Schumpeteriana e economia feminina, com a finalidade de levantar informações para ajudar na compreensão do tema (GIL, 2008).

A organização dos capítulos e subcapítulos desta pesquisa foi atribuída da seguinte forma: no primeiro capítulo será abordado os temas de empreendedorismo, conceituando e trazendo dados históricos, o empreendedorismo feminino e a Teoria Schumpeteriana, descrevendo uma conjuntura da Teoria Schumpeteriana e sua correlação com o empreendedorismo feminino, dando continuidade com o subcapítulo Teoria da Inovação Pós Schumpeteriana, com o levantamento de dados e do conceito de inovação e como está relacionada ao tema, e a partir desse ponto trazendo abordagem do gênero feminino no mercado de trabalho, vinculando as regiões brasileiras e o levantamento de dados das dificuldades das mulheres no empreendedorismo para melhor apreciação e exploração do tema.

No capítulo seguinte, se discorre sobre o tema de economia feminina, fazendo um aparato das transformações sociais envolvendo o contexto da pandemia do novo Coronavírus e da crise econômica 2014/2017, as dificuldades inerentes ao empreendedorismo, às políticas públicas e mulheres, educação e gestão empresarial.

No último capítulo, é esmiuçado o tema central, esmiuçando o empreendedorismo feminino, o empreendedorismo no Brasil, o levantamento dos dados com base nos relatórios

GEM e para finalizar o capítulo a análise dos dados entre 2015 à 2019 e suas respectivas taxas. Em seguida as considerações finais, do aparato geral, as opiniões e recomendações do tema.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. Conceitos Iniciais

A partir desse capítulo serão apresentados conceitos e a contextualização da mulher no empreendedorismo, abordando os temas relacionados a essa pesquisa, tais como conceitos de empreendedorismo, empreendedorismo feminino, a Teoria Schumpeteriana, Teoria da Inovação Pós Schumpeteriana e sua correlação com o tema, o gênero feminino no mercado de trabalho, nas regiões brasileiras e as dificuldades encontradas pelas empreendedoras.

O empreendedorismo é relativamente contemporâneo, para Gimenez e Tóffolo (2015), o fenômeno do empreendedorismo é um tema antigo que vem sendo analisado desde a convivência do homem em grupo, acredita-se na criação de empreendimentos para que as tarefas sociais fossem realizadas. Para Say (1803/1983), o empreendedor é o empresário, que se posiciona no centro do processo econômico de forma a equilibrá-lo, assumindo o papel de intermediário entre as classes de produtores, e entre os produtores e os consumidores. Assim, o empreendedor é o agente que inicia estas mudanças, alterando o sistema em equilíbrio por meio da identificação de novas oportunidades: “chamamos ‘empreendimento’ a realização de combinações novas; chamamos de ‘empresários’ os indivíduos cuja função é realizá-las” (SCHUMPETER, 1911/1982, p.83)

Hisrich e Peter (2014), expõem diversas informações a respeito do desenvolvimento da teoria do empreendedorismo e aborda termo “empreendedor” a partir da Idade Média até meados de 1985, quando revela como se deu o processo de criação como algo diferente e com valor, dedicando o tempo e o esforço necessário, assumindo os riscos financeiros, psicológicos e sociais correspondentes e recebendo as consequentes recompensas da satisfação econômica e pessoal. Para Sombart (1902/1946), tal sujeito econômico diferencia-se do empreendedor dos primórdios do capitalismo – muito embora este tenha sido obra de uns poucos homens de negócios empreendedores provenientes de camadas diversas da população – uma vez que esses precursores não tinham força suficiente para dirigir a vida econômica em seu conjunto. E López-Ruiz (2007) argumenta que essas questões se relacionam com o resgate da figura do empreendedor e de sua função social, com inspiração no sujeito econômico dos primórdios do capitalismo. Para finalizar Burns e DeVille (2006) destacam que o capitalismo não é um empreendimento puramente econômico, mas também cultural e político

Segundo Chiavenato (2017, p. 03), “o termo empreendedor (*entrepeneur*) é de origem francesa e significa aquele que assume riscos e começa algo novo”. Para Leite (2012), esse termo poderia ser traduzido como “empresário”. Hashimoto (2010), afirma que o primeiro uso

do termo empreendedorismo foi registrado por Richard Cantillon em 1755, utilizando o termo para teorizar a predisposição ao risco da compra de algo por um preço e posteriormente vendê-lo em um regime de incertezas.

Em meados de 1800, o economista francês Jean-Baptiste Say usou o termo “empreendedor” para identificar o indivíduo que transfere recursos econômicos de um setor de baixa produtividade para um setor de produtividade mais elevada e com maior rendimento (DRUCKER, 2018). Diante disso, Dolabela (1999, p. 43), usa o termo empreendedorismo como “os estudos ao empreendedor, seu perfil, suas origens, seu sistema de atividades, seu universo de atuação”. Supondo tudo aquilo que engloba o modo de existir do empreendedor, que é intrínseco ao seu ambiente de atuação.

Nos séculos XVIII e XIX, período do surgimento das reflexões do pensamento econômico, o empreendedorismo vem sendo a peça direcionadora da inovação e desenvolvimento. Porém, é importante frisar que o tema sofreu uma projeção por conta de Schumpeter, o qual associou definitivamente o empreendedor ao conceito de inovação e apontando-o como elemento que dispara e explica o desenvolvimento econômico (DOLABELA, 1999).

No final do século XIX e início do século XX, os empreendedores foram frequentemente confundidos com os gerentes ou administradores (o que ocorre até os dias atuais), sendo sua análise feita através de um ponto de vista econômico, como aquele responsável por organizar a empresa, pagar os empregados, planejar, dirigir e controlar as ações desenvolvidas na organização, mas sempre a serviço do capitalismo (DORNELAS, 2018).

O tema empreendedorismo vem sendo destaque nos últimos anos. A partir da década de setenta tornou-se objeto de estudo em diversas áreas e na década de oitenta ocorre sua expansão para áreas das ciências humanas e gerenciais. Alguns fatores externos como as políticas públicas, contribuíram também para sua expansão (FILION, 1999). De acordo com Lundström e Stevenson (2015), o campo da pesquisa relacionada ao empreendedorismo é novo e está em processo de formatação. Muitos termos e ideologias que estão ligados a esse tema obtêm sua definição englobada à múltiplas dimensões. Isso acarreta uma necessidade de abordagem no estudo de suas linhas de pensamento.

É notável que o estudo sobre o empreendedorismo passa por uma serie constante de melhoras para que assim possa identificar suas limitações do campo, atraindo diversas áreas de conhecimento para a realização de pesquisas. De acordo com Andrade Filho (2000), até meados do século XX, os estudos sobre empreendedorismo passavam por uma forte dependência da economia. Além das contribuições dos economistas, os sociólogos, psicológicos e especialistas

da administração, construíram algumas teorias sobre o assunto.

De acordo com Chiavenato (2014), a linha do pensamento empreendedor, registra três visões sobre a expansão do empreendedorismo: a escola dos economistas, as dos behavioristas (comportamentalistas) e as dos percussores da teoria dos traços de personalidade (gerencial). A primeira era é fundamentada no enfoque econômico, em que muitos autores contemporâneos abordam que o economista e sociólogo Joseph Schumpeter foi quem de fato lançou o campo do empreendedorismo, dando larga projeção ao tema, comprovando o pioneirismo dos economistas ao dar importância para o empreendedorismo.

2.2. O Empreendedorismo E A Teoria Schumpeteriana

Schumpeter colaborou para o estudo do empreendedorismo, ao buscar a figura do empreendedor na economia, mostrando que o mesmo seria o principal promotor do desenvolvimento econômico, através da sua função de inovar e sua capacidade de realizar novas combinações de recursos produtivos (LAMBING; KUEHL, 2007).

O empreendedorismo pode ser compreendido, de acordo com Schumpeter (1982), como um indivíduo com desejo e potencial de transformação de uma ideia ou invenção em uma inovação que tenha algum retorno significativo e tem como principal função a “destruição criativa”, de uma forma de uso dos recursos nacionais em que sejam deslocados de seu emprego tradicional e sujeitos a novas combinações, expandindo assim o conceito de empreendedorismo. A inovação é o ponto central na análise do ciclo econômico para Schumpeter, pois do seu ponto de vista, explicação dos ciclos é encontrada nos efeitos repentinos da atividade através de investimentos em inovações.

O primeiro ponto a ser focado é que as inovações são descontínuas (SCHUMPETER, 1982), ou seja, não são agrupadas de forma linear no tempo. Isso se deve ao fato da inovação advir de uma invenção, que é a descoberta de um novo processo, produto ou serviço feito por cientistas. Os cientistas trabalham em novos inventos teoricamente sempre, mais seus inventos precisam ser aceitos pelos empresários como base técnica inovadora. Isso é que não é contínuo.

O inovador, que por definição é o primeiro a aplicar uma invenção, é também, inevitavelmente, aquele que assume os riscos envolvidos no nascimento de um novo bem, ainda não experimentado. A maioria das empresas não assume os custos e os riscos de uma inovação, preferindo uma política conservadora. Schumpeter faz uma distinção entre inovadores e os conservadores. Os primeiros, são designados como “empreendedores”, e são os verdadeiros atores da evolução capitalista. Eles constituem uma casta de empresários que ousam em inovar

nos negócios quando aparece a melhor situação de ganhos produtivos.

Quando o empreendedor está certo e a inovação é bem sucedida, há uma recompensa sob a forma de lucros extraordinários. Porém, num segundo momento estes lucros atrairão novos empresários para o setor em questão. Neste caso, aparece a figura do empresário conservador, que irá fazer do produto inovador a razão de sua sobrevivência. Nesse sentido este setor da economia apresentará uma grande expansão de sua atividade. O que faz com que a expansão chegue a um fim? Em essência é o fato de que o processo de se introduzir inovações no sistema atinge um ponto em que tem um fim temporário. Todas as inovações que os inovadores julgam ser produtivas já foram adotadas e o “boom” chega a um fim porque os gastos de investimento gerado pelas inovações chegaram ao seu final. (SHUMPETER, 1982)

A expansão econômica transforma-se em uma espécie de recessão à medida que o impacto dos desajustamentos, que foram instalados no sistema durante o próprio processo de atividade de inovação se fazem sentir. A prosperidade, portanto, é tudo menos um desenvolvimento equilibrado e a depressão nada mais é do que a reação do sistema econômico ao grande crescimento ou a adaptação à atual situação para a qual este crescimento trouxe ao sistema. (SHUMPETER, 1982).

Na segunda fase, a era das ciências sociais a abordagem comportamentalista foi marcada pela ingressão de estudiosos das áreas de psicologia e ciências sociais, que concentraram seus estudos no empreendedor como um indivíduo e assim começaram a analisar sua personalidade de acordo com suas obras e traços.

Em estudos de base comportamental, David McClelland foi o que obteve maior projeção para a área de empreendedorismo, o qual se apoia na Psicologia e na Sociologia. O autor classifica o empreendedor, dentre outros adjetivos como: confiante, perseverante, diligente, habilidoso, criativo, visionário, versátil, inteligente e perceptivo (McCLELLAND, 1972).

“Os economistas associaram o empreendedorismo à inovação e os comportamentalistas que enfatizam aspectos atitudinais com a criatividade e a intuição”. Por fim, a fase gerencial ou administrativa presente na era estudos de gestão de marcada por grandes mudanças políticas, econômicas e tecnológicas. Nesse período a dinâmica do empreendedorismo ganha muita força tornando-se o tema dominante da sociedade (ZARPELLON, 2010, p. 49).

De acordo com Murphy et al. (2016), essa fase pode ser conhecida como a era de base multidisciplinar, por conta das pesquisas ligadas as oportunidades, redes de acesso às informações, aos fatores sociológicos dentre outros. Lundström e Stevenson (2015), citaram que vários estudiosos em áreas distintas têm interesse pelo tema empreendedorismo, crescendo de forma considerável seu campo de pesquisa, porém, com a ausência de um consenso só

aumenta o foco da necessidade de pesquisas sistemáticas que direcionem a uma compreensão do fenômeno, analisando os posicionamentos das abordagens definidoras do empreendedorismo, até para melhor compreender a característica multifacetada dos conceitos.

Os estudos sobre empreendedorismo feminino não apresentam um paradigma consolidado, sendo o tema tratado por diferentes enfoques e perspectivas, como a econômica, sociológica, psicológica, e através de diferentes dimensões analíticas do fenômeno. As primeiras pesquisas sobre o tema surgiram a partir de uma perspectiva econômica na qual seus autores identificaram a racionalidade como elemento central da atividade produtiva. Nesta perspectiva, o fenômeno do empreendedorismo é determinado pelas influências e características do ambiente, como a turbulência e a complexidade, estabelecendo-se uma relação direta entre empreendedorismo e inovação (GIMENEZ e TÓFFOLO, 2015; FRANCO, 2014).

O crescimento do empreendedorismo feminino ocorreu após as duas guerras mundiais, devido a centenas de milhares de homens mortos e mutilados. Diante desse cenário, as mulheres tiveram como única alternativa fazerem-se provedoras da casa, ao assumir o trabalho desses homens e com o passar do tempo e de forma despretensiosa adentraram no mercado de trabalho (PROBST, 2015). Portanto, as mulheres, conquistaram a ampliação do seu lugar na sociedade e na economia, e desde então, a crescente participação delas no mundo dos negócios não se deu apenas dentro das empresas já estabelecidas, mas também na aquisição de novos negócios (FRANCO, 2014).

Tendo como eixo principal a teoria do desenvolvimento econômico de Schumpeter (1982), onde afirma que o desenvolvimento econômico inicia-se a partir de inovações, ou seja, por meio da introdução de novos recursos ou pela combinação diferenciada dos recursos produtivos já existentes, denominando o “ato empreendedor” como um processo de introdução e de uma inovação do sistema econômico organizada pelo “empresário empreendedor”, visando a obtenção de lucro. A teoria do ciclo econômico desenvolvida é fundamental para a ciência econômica contemporânea e ainda amplamente estudada. Segundo o autor, a razão para que a economia saia de um estado de equilíbrio e entre em um processo de expansão é o surgimento de alguma inovação que altere consideravelmente as condições prévias de equilíbrio. Desde então, o empreendedor passou a ser visto como o agente que utiliza formas diferentes os seus recursos existentes, saindo do modelo tradicional para tentar novas combinações.

Cerca de trinta anos depois, os trabalhos de Schumpeter (1982) e McClelland (1961), conceituaram empreendedorismo a partir do comportamento empreendedor. Os principais componentes desse comportamento são: (i) uma atitude moderada face ao risco; (ii) o

desenvolvimento de atividade instrumental nova e vigorosa; (iii) responsabilidade individual pelas consequências dos atos em face de novas iniciativas; (iv) a capacidade de antecipação de possibilidades futuras; e (v) o desenvolvimento de habilidades organizacionais e decisórias. Em seus estudos, o autor procurou evidências da associação entre alta necessidade de realização e desenvolvimento econômico e concluiu que o dinheiro é uma medida concreta de sucesso, mas não é necessariamente orientador do comportamento empreendedor.

2.3. Os Principais Estudos Sobre O Empreendedorismo Feminino No Brasil

As atitudes empreendedoras têm marcado o desenvolvimento do mundo, principalmente a partir do século XX. Desde a Revolução Industrial, diversas invenções surgiram, mudando hábitos e facilitando a rotina da população em todo o planeta. A partir dessas inovações surgem o inconformismo das pessoas que questionam, arriscam e querem fazer algo diferente; assim, empreendem. Muitas escolhem se tornar empreendedoras ou desejam iniciar seu próprio negócio (JONATHAN, 2011).

A mulher tem entrado no mercado de trabalho e buscado destaque na criatividade e elaboração de projetos com o uso da tecnologia para se sobressair dentro do empreendedorismo, mostrando que além de complementar a renda do lar, pode ser gestora por trás de uma empresa/negócio com competência gerando satisfação pessoal e abrangendo melhor sua capacidade de ter multitarefas. Uma das primeiras e mais importantes definições do termo empreendedorismo está voltado para a inovação e é apresentada por Schumpeter (1982), como a realização de quatro combinações de recursos, incluindo fazer coisas novas ou fazer coisas já existentes, mas de formas diferentes.

A teoria schumpeteriana é entendida como uma função econômica, cujo cerne está na chamada destruição criadora, ou seja, uma inovação que modifica toda a estrutura produtiva de um setor, do gênero, ou até mesmo da economia como um todo; e não gerencial, cujo foco está no ajuste e manutenção do equilíbrio (SCHUMPETER, 1982).

Apesar de as mulheres ainda sofrerem preconceitos dentro do empreendedorismo na era Pós Schumpeteriana, as relações de gênero e sexo continuam sendo consideradas como práticas discursivas por meio das quais se manifestam as relações de poder e resistência entre as pessoas, (CALÁS; SMIRCICH 1999). Verspagen (2000) complementa mostrando que perante este cenário de seleção, as empresas com melhores estratégias irão crescer enquanto empresas com piores estratégias tendem a perder mercado.

De acordo com Caini, Godin e Lucarelli (2012) a conexão teórica entre inovação e

financiamento das firmas tem sido pouco examinada na literatura econômica, mesmo entre os neoschumpeterianos. Capelle et al. (2017), comentaram que a relação de gênero deve ser considerada como práticas discursivas que refletem e distribuem manifestações de capacidade e resistência entre as pessoas, de acordo com os interesses dos grupos que se organizam e se enfrentam em campos de disputas sociais.

Segundo Capelle et al. (2014), defenderam que as modificações nos papéis sociais femininos e masculinos vêm abalando os quadros de referência que direcionam as relações de gênero e, conseqüentemente, os aspectos sociais. E ainda afirmam que a crescente inserção feminina nas organizações tem alterado o comportamento das pessoas nas relações de trabalho. Visto que, as mulheres estão conquistando espaço em muitas atividades, mas, mesmo assim, com os maiores níveis de escolaridade que os homens, ainda recebem menos e têm menores oportunidades de crescimento nas organizações.

Freeman e Perez (1988) definem paradigma tecnoeconômico como uma combinação de inovações de produto, de processos, técnicas organizacionais e administrativas, com maiores oportunidades de investimento e lucro. Almeida et al. (2011), asseguraram atributos como proatividade, dinamismo, capacidade de planejamento e inovação, habilidade de lidar com pessoas, espírito de liderança entre outros fatores que têm-se revelado fundamentais na busca de diferenciação e competitividade no mercado. Essas características são muito presentes na forma de trabalhar das mulheres e não se pode deixar de reconhecer que elas estão no mercado de trabalho para crescerem e conquistarem os seus espaços.

O desempenho estratégico feminino é comum em organizações dirigidas por mulheres, tal como a preocupação com a qualidade dos serviços prestados. Os autores defendem que a sobrevivência das empresas dirigidas por mulheres tem atingido um tempo além da espera, diferente dos resultados padrões encontrados como tempos médios de sobrevivência de pequenos negócios ou microempresas. Isto porque elas praticam uma combinação de estilo gerencial próprio, com sensibilidade, intuição e cooperação, agrupada à intensa dedicação ao trabalho, contribuindo para os altos índices de sobrevivência de empresas geridas por mulheres (ALMEIDA et al., 2011). De acordo com Samuelson e Varian (2001, p. 1-2) o termo “Nova Economia” tem origem na década de 80, quando se referia a uma economia liderada pelo setor de serviços. Perez (2009) completa mostrando que a intensa interação e *feedbacks* entre as esferas tecnológica e econômica, leva, por meio de descobertas e redescobertas, ao surgimento gradual e rápido desenvolvimento de novos elementos tecnológicos.

Segundo Jonathan e Silva (2007), na atualidade são várias as contingências que cercam a inserção das mulheres no espaço público do trabalho e, em todo mundo, cresce o interesse pelas

análises das características e consequências do trabalho feminino. Amartya Sen (2001 apud SANTOS, 2010) de que a desigualdade envolve a posição do sujeito em determinado contexto social e isso se relaciona com as oportunidades que ele terá de alcançar seus objetivos desejados. Além disso, o capitalismo, impregnado pela ideologia patriarcal, reforça o sistema de opressão que subjuga as mulheres (SILVEIRA e COSTA, 2012, p. 1).

Foi nos anos 70 que, no Brasil, a mulher ingressou de maneira mais precisa no mercado de trabalho, surgindo por fim os movimentos sindicais e feministas no país (AMORIM; BATISTA, 2012). O surgimento de leis para favorecer classe feminina foi primordial para a luta contra desigualdade entre homens e mulheres (SOUZA; SANTOS, 2013). Esse movimento se constitui com o objetivo de minimizar as desigualdades nas relações de poder entre homens e mulheres, buscando a mudança da situação de subordinação da mulher na sociedade patriarcal (SANTOS, 2010). As condições de inserção das mulheres no mercado de trabalho são heterogêneas e complexas, mas demonstram uma divisão sexual do trabalho que mantém a desigualdade em relação a elas (BRUSCHINI, 2007; MEDEIROS, 2017).

Incluir a perspectiva de gênero nos estudos acerca do trabalho auxilia no conhecimento das características desse espaço, haja vista que o gênero pode revelar informações relevantes acerca do funcionamento das organizações (OIT, 2010; CAPPELLE; MELO; SOUZA, 2013). Segundo Villas Boas (2010, p.51) existem importantes diferenças entre os estilos de empreender masculino e feminino. Elas têm uma ótima capacidade de persuasão e se preocupam com clientes e fornecedores, o que contribui para o progresso da empresa. Gomes et al. (2009), defenderam que há homens com características predominantemente femininas e vice-versa. O gênero não garante o estilo de gestão. Entretanto, as diferenças entre os estilos podem ser complementares para uma gestão efetiva.

As questões de gênero levam à desigualdade entre mulheres e homens tanto na esfera privada quanto na pública, pois, apesar das transformações dos papéis das mulheres e dos homens, em meio familiar - privado, quanto no meio de trabalho - público, ainda existe e é visível o desequilíbrio entre o masculino e o feminino em vários aspectos (CALÁS; SMIRCICH, 1996). No entanto, é importante continuar na busca por uma sociedade livre de diferenças de gêneros ou sexos, protegendo um conhecimento geral, centralizado nos aspectos femininos que considera o gênero como uma parte das relações históricas de opressão capitalista das classes sociais, ou seja, as mulheres são vistas como uma das classes oprimidas por esse sistema. Ressaltando que o gênero é constituído processual e socialmente mediante intersecções de sexo, raça, ideologia e opressão sob os sistemas capitalista e patriarcal (CALÁS; SMIRCICH, 1996).

A segregação é o resultado da forma como as mulheres se inserem no mundo produtivo e, mesmo quando parte dos empregadores manifesta resistência à contratação de mulheres para determinadas ocupações ou cargos, a sua decisão estará sendo orientada por uma compreensão e uma naturalização dos papéis sociais atribuídos aos sexos. (TEIXEIRA, 2017). De acordo com Carvalho Neto, Tanure e Andrade (2010), a partir de um movimento que teve início impulsionado pela necessidade de complementação de renda, as mulheres passaram a demandar mais o seu espaço no mercado de trabalho.

Assim, novos valores afloram na sociedade contemporânea, fundados nas alterações de conceitos, arranjos familiares e sociais, estilos de vida e outros, ainda que permaneçam contornos culturais de discriminação à mulher (KANAN, 2010). Barbosa (2013) afirma que as práticas de gestão estão sendo alteradas e algumas organizações têm valorizado a diversidade, contribuindo para que as mulheres encontrem nestes ambientes espaço para realização. A economia feminina segue esse mesmo viés, que teve sua forma a partir dos movimentos feministas que se iniciaram na década de 90, como afirma Nobre et al. (2015, p12):

O leque de temas analisados pela economia feminista é amplo e abarca diferentes aspectos da participação das mulheres no mercado de trabalho, as problemáticas sobre as políticas econômicas e seus efeitos na vida das mulheres, a própria definição de trabalho e economia, a relação entre orçamentos públicos e a manutenção dos estereótipos e desigualdades de gênero, a elaboração de políticas públicas orientadas pela igualdade, novos enfoques e metodologias para a produção de estatísticas, entre outros.

A luta feminina para alcançar espaço no mercado de trabalho é árdua, principalmente pela carga aplicada de que o serviço doméstico é o que lhe cabe, como em qualquer período histórico a mulher encontra barreiras mais altas em relação a dos homens. A economia feminina mesmo com todos os seus contrapontos ressalta a importância de se discutir a visão implantada nas mulheres, na qual tem a ideia de serem não corporativas, que dessa forma preconceituosa rotula a mulher apenas para âmbito reprodutivo o que gera uma invisibilidade quando se acrescenta a variável de remuneração, o que é decorrente da sociedade patriarcal que vem sendo exposta desde o primeiro século da colonização, século XVI no Brasil. O que mostra a importância de discutir a relação de gênero e como ela é vista perante a sociedade.

De acordo com Siliprandi (2011), o surgimento dos movimentos de mulheres rurais surge no ano de 1980 no Brasil, com as primeiras manifestações por seu direito à sindicalização de forma independente. A agricultura familiar é identificada através de múltiplas visões, sendo caracterizada como uma atividade onde a família desenvolve o papel de dono dos meios de produção e tem a responsabilidade desenvolver toda a cadeia produtiva e a gestão de suas

unidades produtivas (WANDERLEY, 1999). Na concepção de Chayanov (1966), a unidade produtiva familiar é definida como aquela que o esforço produtivo busca garantir as necessidades básicas, bem como bem estar de todos os integrantes das famílias.

O entendimento sobre o empreendedorismo e sua importância para o desenvolvimento das nações está praticamente consolidado na literatura da área. A visão mais atual que passa a permear o interesse refere-se ao papel da mulher enquanto empreendedora e gestora do seu próprio negócio. Este gênero tem desempenhado papel ativo na sociedade como um todo, participando, ativamente, na geração de emprego e renda em várias regiões. No Brasil, a participação da mulher empreendedora ganhou nova conotação, especialmente à frente de pequenos e médios empreendimentos. Esse tipo de negócio aqueceu a economia, sendo responsável por 60% dos empregos da população economicamente ativa (BRASIL, 2022).

Atualmente as mulheres participam ativamente da gestão da propriedade junto com os demais integrantes da família, opinam e discutem sobre as decisões a serem tomadas dentro dos negócios. Segundo Farias et al. (2020), o protagonismo e inovação da mulher empreendedora vêm ganhando visibilidade através da teoria de Schumpeter, demonstrando a conquista do seu espaço no empreendedorismo dentro da agricultura familiar em todas as regiões do país. Podendo ressaltar que as mulheres agricultoras vão muito além de saber lidar com os animais, elas entendem da alimentação, medicação, tecnologias e operar máquinas. Participam do planejamento das atividades diárias, organizam a propriedade, entendem sobre entradas e saídas, os resultados obtidos ao longo dos anos e também tem habilidade de liderar e motivar as demais pessoas que vivem na propriedade.

Além disso, fazem novos investimentos, como vão fazer, como pagar, quais são os custos e participam ativamente da gestão da propriedade junto com os demais integrantes da família, opinam e discutem sobre as decisões a serem tomadas. Strobino e Teixeira (2014), verificaram que na cidade de Curitiba no setor de comércio de há um crescimento de empreendedoras do setor de material de construção. Nesse contexto, Jonathan (2003), ao estudar a respeito do empreendedorismo feminino no setor tecnológico brasileiro, verificou que existe 16 empreendedoras do Estado do Rio de Janeiro, divididas em dois grupos intencionais: dez mulheres possuíam negócios na área de Tecnologia da Informação e seis tinham empresas na área de Biotecnologia. Silveira e Gouvêa (2008), fizeram um levantamento da realidade da mulher gestora com micro e pequena empresa em associação empresarial de comércio e indústria de Santa Catarina. Concluíram que a maioria trabalha mais de nove horas por dia, participam em média, com 50% do valor no orçamento familiar e consideram-se, em sua maioria, mulheres de sucesso.

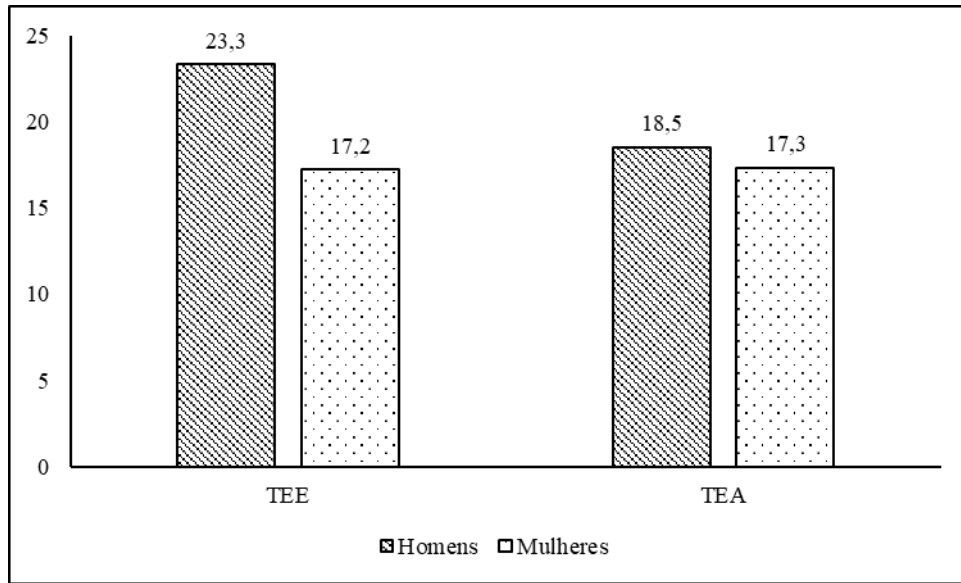
Diante da distribuição e diferença de gênero surgiu a pesquisa Global Entrepreneurship Monitor (GEM) do Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade (IBQP) em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) que levanta dados de empreendedorismo (formal ou informal). Tomando conhecimento destes dados através de pesquisa de campo, entrevistando empreendedores no país, essa pesquisa é realizada desde 2000, consagrada há 18 anos consecutivos e é feita anualmente no Brasil. O último levantamento feito com base nos dados de 2017 da GEM as mulheres brasileiras ocupam o 7º lugar no ranking mundial entre as mais empreendedoras do mundo, com uma taxa de 12,71%. O sexo feminino é hoje responsável por 38% do total de estabelecimentos empresariais do país, apesar de a pesquisa mostrar que em questão de renda as mulheres sofrem desigualdade nos seus negócios, em relação com os homens.

Gimenez (2010, p. 400), afirma que “as mulheres enfrentam maiores empecilhos no acesso a fontes de financiamento e, muitas vezes, são discriminadas em processos sucessórios nas empresas familiares”. Segundo GEM (2018, p. 22):

Comparado aos homens, as empreendedoras ganham menos, o que favorece ao argumento de que as mulheres não são tratadas igualmente em questões de salários. [...] Comparado aos homens, as mulheres afirmam operar com poucos ou nenhuns empregados (conta-própria), têm expectativas um pouco mais modestas de criação de novos empregos, têm faturamento menor e consideram ter mais concorrência nos produtos e serviços prestados.

Observando o relatório do GEM no ano de 2018 no Brasil, seguindo as taxas dos empreendedores iniciais (TEA) e as taxa de empreendedorismo estabelecido (TEE) apresenta dados consideráveis aos quais as mulheres se destacam em relação aos homens nos empreendimentos iniciais, mas devido a dificuldades encontradas de acordo com a Figura 1.

Figura 1. As taxas dos empreendedores iniciais (TEA) e as taxa de empreendedorismo estabelecido (TEE). Brasil 2017.



Fonte: Global Entrepreneurship Monitor (GEM), 2018

Strobino e Teixeira (2014), analisaram mulheres empreendedoras do setor de material de construção e bem-sucedidas na cidade de Curitiba, e verificaram conflitos entre trabalho e família, ressaltando a importância da busca do equilíbrio do tempo na dedicação para o trabalho sem que haja prejuízo no tempo dedicado à família. Jonathan (2003), avaliando diversos estudos sobre empreendedorismo feminino frequentemente relatou o difícil relacionamento entre mulheres empreendedoras e o CR. Os dados coletados indicam, por exemplo, que, em 1999, nos Estados Unidos, a quantidade de investimentos em empreendimentos femininos não era proporcional ao número de mulheres donas de seus próprios negócios.

Por outro lado, empreendimentos femininos são percebidos como sendo de risco, o que acarreta maiores taxas de empréstimo que, por sua vez, inibem a aceitação por parte das mulheres da parceria proposta (COLEMAN, 1998). Para Gouveia e Batista (2007), é bastante contundente na sua análise de que, a agricultura familiar, mesmo nas suas formas mais “democráticas” não tem sido capaz de enfrentar as desigualdades de gênero, permanecendo um setor onde as mulheres têm a sua autonomia bastante restrita, e a sua cidadania negada, seja pelo Estado (através das políticas públicas) seja pela sociedade civil.

3. ANÁLISE DOS INDICADORES DO EMPREENDEDORISMO FEMININO NO BRASIL

3.1. Estudos Do GEM

De acordo com relatório do GEM (2018, p. 9) “a taxa de empreendedorismo total (TTE) engloba os indivíduos envolvidos com uma atividade empreendedora, ou seja, é o conjunto dos empreendedores tanto iniciais quanto estabelecidos;”

Segundo GEM (2018, p. 9):

A taxa de empreendedorismo Inicial (TEA) engloba os indivíduos envolvidos com uma atividade empreendedora em estágio nascente ou com um empreendimento novo. Tanto os empreendedores nascentes quanto os novos pertencem à classificação dos empreendedores em estágio inicial, ou simplesmente empreendedores iniciais.

O relatório do GEM (2018, p. 10) relata “a taxa de empreendedorismo estabelecido (TEE), por sua vez, envolve os indivíduos que administram e são proprietários de negócios já consolidados que pagaram alguma remuneração aos seus proprietários por um período superior a 42 meses.”

Segundo o relatório do GEM (2016 p. 35) “as taxas específicas de empreendedorismo se referem ao estudo da intensidade da atividade empreendedora em segmentos da população total da pesquisa GEM.”

Como descreve o relatório do GEM (2016 p. 35) “**Países impulsionados pela eficiência** – são caracterizados pelo avanço da industrialização e ganhos em escala, com predominância de organizações intensivas em capital.”

O objetivo deste capítulo foi apresentar uma visão mais ampla sobre como o contexto de transformações sociais ocorridas nas últimas décadas tem sido um fator motor da busca das mulheres por mais espaço no mercado de trabalho. Além disso, busca-se explicar como a educação e o maior grau de escolaridade das mulheres pode, juntamente às noções de gestão empresarial, ajudar a mudar o panorama de muitas mulheres que buscaram e alcançaram um grau de independência almejado por tantas outras.

As profundas transformações provocadas pela crise econômica de 2008 e, agora, pela crise derivada da pandemia do novo Coronavírus, serviram como pontos de virada em relação à forma de atuação no mercado nacional e global. Da Silva *et al.* (2020) em seu estudo sobre os períodos pré, durante e pós-pandemia – para o período pós-pandemia os autores buscam

fazer uma projeção do que poderia ocorrer –, destacaram alguns dos principais fatores que contribuíram para a crise econômica pós-pandemia:

Destacam-se o fechamento parcial e redução de jornada de trabalho de empresas, adesão ao regime de trabalho de home office, interrupção da cadeia produtiva de alguns setores da economia, redução de exportações e início de uma trajetória de expectativas pessimistas dos investidores, tanto no mercado financeiro quanto no produtivo.

Ainda segundo os autores, o país ainda se recuperava da crise econômica de 2014/2017 causada por erros graves de gestão da política econômica, acerca da qual Barbosa Filho (2017) faz uma análise, retomando o crescimento a longo prazo e buscando a adoção de uma agenda importante de reformas para 2020 que, dado o contexto, precisaram ser adiadas para um momento mais adequado (DA SILVA *et al.*, 2020).

Diante deste contexto, o microempreendedorismo destaca-se como uma alternativa para pessoas que buscam saídas para momentos de crise. De acordo com o relatório executado do GEM (2019), 26,2% dos empreendedores entrevistados afirmaram que a principal motivação para a abertura de um negócio próprio uma vez que as vagas no mercado de trabalho eram escassas. Diante disso, o Brasil registrou recordes de aberturas de negócios em 2021, segundo ano da pandemia de Coronavírus, o que mostra que, apesar da complexidade do momento econômico, empreender ainda é uma alternativa viável para momentos de crise e incerteza (BRASIL, 2022). Tudo isso dada a extrema dificuldade em se fazer negócios ou abrir uma empresa no Brasil. Dentre todos os países utilizados para as comparações do GEM, o Brasil ocupa as piores colocações mundiais para ambos os aspectos (GEM, 2019).

Em relação às características sociodemográficas dos empreendedores no Brasil, nota-se que a maioria dos empreendimentos estabelecidos são homens (18,4%) contra 13,9% de mulheres. No entanto, em relação aos novos empreendimentos, os números são parelhos com 23,5% de homens e 23,1% de mulheres, embora, em termos numéricos, sejam 16,1 milhões de empreendedores homens e 16,1 milhões de mulheres. Já em 2020/2021, dos empreendedores em estágio inicial, são, aproximadamente, 21% de mulheres e 25% de homens (GEM, 2020/2021).

3.2. Empreendedorismo No Brasil

De acordo com o relatório do GEM (2019):

Outra forma de analisar as diferenças é a razão entre as taxas de homens e mulheres que exercem uma atividade empreendedora. Quanto mais próximo de 1,0, maior o equilíbrio entre os sexos. Neste caso, observa-se que no Brasil, em 2019, para cada 10 homens empreendendo em estágio inicial existiam também 10 mulheres exercendo alguma atividade empreendedora.

Naturalmente, as dificuldades se apresentam a todos aqueles que decidem seguir o caminho do empreendedorismo em um país particularmente hostil para novos negócios por conta da rígida burocracia exigida para o estabelecimento (DA SILVA, 2021), o que foi, em parte, contornado por políticas públicas voltadas aos empreendedores nos últimos anos, como a Lei da Liberdade Econômica, sancionada em setembro de 2019 que “estabelece normas de proteção à livre iniciativa e ao livre exercício de atividade econômica e disposições sobre a atuação do Estado como agente normativo e regulador” (BRASIL, 2019). O resultado foi o aumento de empreendedores e redução do desemprego. Segundo o relatório GEM (2020/2021), quase 80% dos entrevistados no Brasil abriram ou conhecem alguém que abriu um negócio nos últimos 2 anos e mais de 50% dos entrevistados esperam empreender nos próximos 3 anos.

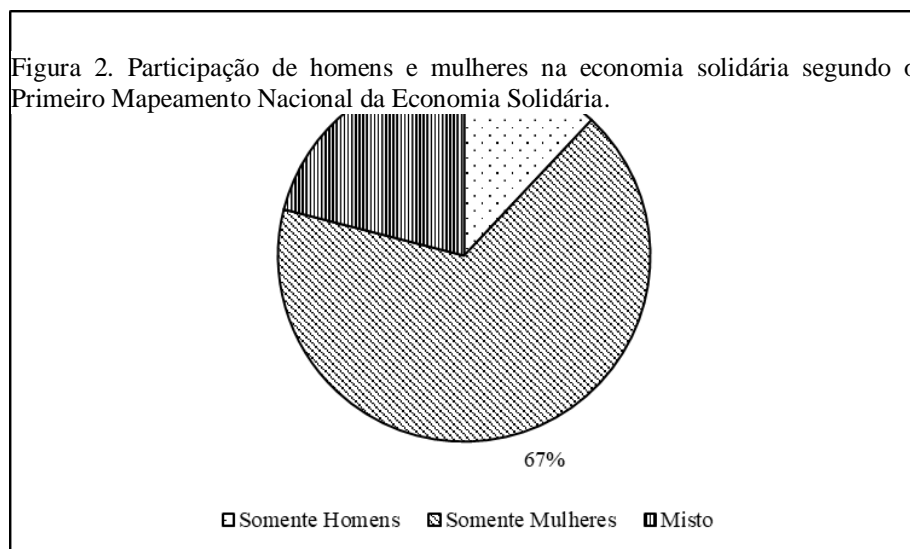
Se considerarmos os empreendimentos estabelecidos, apesar da diferença observada no relatório, o Brasil apresentou, ao lado de Austrália, China e Estados Unidos, a menor diferença entre homens e mulheres empreendendo, com razão de 1,3. Ou seja, para cada 13 empreendedores homens estabelecidos no Brasil, existem 10 mulheres empreendedoras exercendo alguma atividade produtiva. Diante do objetivo 5º da ONU para o desenvolvimento sustentável que é empoderar todas as mulheres e meninas, percebe-se que o Brasil se iguala às grandes economias do mundo. A orientação da ONU (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2022) é de “realizar reformas para dar às mulheres direitos iguais aos recursos econômicos, bem como o acesso a propriedade e controle sobre a terra e outras formas de propriedade, serviços financeiros, herança e os recursos naturais, de acordo com as leis nacionais.”

Fernandez (2018), em seu estudo sobre as metodologias de pesquisa e propostas teóricas em prol da igualdade de gêneros, observa que as análises tradicionais de questões econômicas relacionadas ao trabalho, e às nuances que envolvem as diferenças entre homens e mulheres, não têm se mostrado eficazes em atingir o projeto de desenvolvimento com justiça e emancipação social. Para a autora, além do trabalho formal, remunerado e com valor de troca existem diversas atividades econômicas acontecendo e que não são levadas em consideração. Além disso, a chamada Economia Feminista busca tornar visível a contribuição das mulheres para a economia em contextos não abarcados pelas ferramentas mais ortodóxicas.

De Oliveira (2008) chama a atenção para a possibilidade de inserção maior das mulheres em atividades econômicas por meio de empreendimentos de Economia Solidária no âmbito das cooperativas que, segundo a autora, apresentam-se como uma:

[...] resposta aos problemas que perpassam o universo do trabalho, sobretudo do labor feminino, e como esses empreendimentos têm sido uma possibilidade de geração de trabalho e renda, ainda diminuindo, assim, as desigualdades e dando origem a processos de interações sociais vinculando solidariedade, participação democrática e emancipação social.

A figura 2 apresenta os dados do Primeiro Mapeamento Nacional da Economia Solidária, realizado pela Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), no qual verifica-se a participação de homens e mulheres em empreendimentos de economia solidária. Observa-se a relevância do setor para a emancipação feminina, gerando emprego e renda na busca pela redução das disparidades existentes e oferecendo alternativas de melhoria da qualidade de vida das mulheres envolvidas (DE OLIVEIRA, 2008).



Vieira et al. (2021) avaliaram os efeitos da pandemia da COVID-19 sobre a participação das mulheres no mercado de trabalho no Brasil e observaram que não houve aumento da taxa de desocupação das mulheres em relação aos homens no período pois a taxa de desocupação no período foi semelhante à observada nos períodos anteriores com leve redução de 2,62%. Além disso, apesar de os homens serem a maior parte dos empregados em setores como agropecuária e indústria, as mulheres são as que menos são desligadas do trabalho e sofrem menos na relação

entre admissões e desligamentos, especialmente, no setor de serviços, que foi onde a proporção entre homens e mulheres apresentou a menor diferença.

3.3. Empreendedorismo Feminino No Brasil

Silveira e Gouvêa (2008) analisaram um grupo de gestoras de empreendimentos que participam de uma associação empresarial no que tange as suas características, entendimentos e considerações sobre realidade das micro e pequenas empresas. O estudo revelou que a maioria das gestoras eram casadas, com filhos e possuíam nível superior completo. As entrevistadas dedicam mais de 9 horas por dia às empresas e assumem que a dedicação à empresa e a busca por novos conhecimentos e atualização são fatores determinantes para o sucesso de seus empreendimentos, com algumas delas dedicando até 14 horas por dia no trabalho empresarial.

Tabela 1 - Total de matrículas na graduação por área geral do conhecimento e sexo

Área Geral do Conhecimento	Mulheres (%)	Homens (%)	Total
Agricultura e Veterinária	45,5	54,5	178.413
Ciências Sociais, Negócios e Direito	57,0	43,0	2.958.690
Ciências, Matemática e Computação	31,0	69,0	441.406
Educação	72,7	27,3	1.371.767
Engenharia, Produção e Construção	31,5	68,5	1.017.328
Humanidades e Artes	55,8	44,2	163.090
Saúde e Bem-estar Social	76,5	23,5	984.769
Serviços	60,7	39,3	166.767
Outras	45,0	55,0	23.747
Total Geral	57,2	42,8	7.305.977

Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2015).

A Tabela 1 apresenta os dados relacionados às matrículas realizadas no ensino superior de acordo com as áreas de conhecimento. Os dados revelam predominância feminina em todas as áreas específicas exceto Agricultura e veterinária, Ciências, Matemática e Computação e Engenharia, produção e Construção. As áreas mais escolhidas pelas mulheres são Educação e Saúde e Bem estar-Social. Apesar dos esforços do Governo Federal, que em 2005 já preocupava-se com a participação de mulheres nas ciências, com a criação do programa Mulheres e Ciências, hoje, o quantitativo de homens nessas áreas ainda é superior (BARROS e MOURÃO, 2018).

Há, ainda, a questão das horas dedicadas aos serviços domésticos que, de acordo com Jablonski (2010), é uma cobrança das mulheres para com seus companheiros. Entretanto, os dados do PNUD (2015) revelam que a quantidade horas dedicadas por cada um ainda é maior para as mulheres e até 91% das mulheres declaram realizar as tarefas domésticas enquanto esse percentual é de 53% de homens. Os estereótipos ligados à percepção social dos papéis sociais de homens e mulheres podem estar dificultando muitas mulheres de alcançarem posições de destaque em diversos campos (CARVALHO, 2017; GUEDES, 2016; MOURÃO & GALINKIN, 2008).

De fato, os dados da distribuição de gênero na educação superior mostram uma profunda mudança no contexto educacional, muito em função das mudanças nos paradigmas como nas

políticas públicas voltadas a conceder acesso irrestrito à educação a todos sem discriminações. Se, antigamente, as mulheres recebiam educação predominantemente voltada aos serviços e cuidados domésticos, hoje, podem acessar esferas superiores de educação e ocupar posições de destaque em diversas áreas (BARROS e MOURÃO, 2018). No entanto, ainda há a questão da sobrecarga relacionada aos cuidados dedicados também à casa e à família que pode limitar a dedicação a atividades remuneradas (GALINK et al., 2010).

Alperstedt et al (2014) estudaram as dificuldades enfrentadas por mulheres empreendedoras. Com base nos resultados das entrevistas, os autores verificaram cinco obstáculos principais durante a trajetória empreendedora: problemas pessoais e familiares, problemas financeiros, dificuldade de gestão, falta de credibilidade e dificuldades de mercado. Destaca-se a dificuldade em conciliar a vida empreendedora com os papéis de mãe e esposa. Em seguida vêm as dificuldades em gerenciar a vida financeira, refletindo problemas de planejamento dos projetos. A falta de credibilidade se apresenta de maneira mais evidente para as empreendedoras em ramos que são, predominantemente masculinos.

Cramer et al (2012), em entrevistas com mulheres em posições de gestão empresarial, os aprendizados relacionados à cooperação e relacionamentos, adquiridos na infância, são fundamentais para a forma como ela gerencia seus negócios. De acordo com os autores, algumas das características expressas pelas entrevistadas são a preocupação com os demais, intuição nos processos administrativos, sensibilidade, percepção micro e macroscópica, versatilidade e facilidade de relacionar, além da busca por soluções criativas para os problemas cotidianos.

A maior participação das mulheres na economia é um passo importante para o pleno desenvolvimento dos países, especialmente o Brasil, onde, hoje, as mulheres são maioria nos cursos superiores e de pós-graduação, inclusive entre os formados em cursos de mestrado e doutorado, o que representa uma virada histórica e importante para a busca pela equidade entre homens e mulheres (BARROS e MOURÃO, 2018). Assim, constituem uma mão de obra altamente qualificada para atuar em diversas áreas cruciais para o desenvolvimento econômico, favorecendo a geração de renda e o crescimento nacional. Devem-se buscar respostas concretas para as diferenças observadas, especialmente considerando as preferências de cada um, e soluções eficientes para que o acesso ao mercado de trabalho e às posições realmente relevantes possam ser ocupadas também por mulheres capacitadas para tal e que possuam o aparato intelectual e técnico para gerar mudanças relevantes na sociedade e deixar sua marca (OLIVEIRA et al., 2018).

3.4. Dificuldades Para O Empreendedorismo Feminino No Brasil.

Nesse capítulo, o foco será a contextualização e análise do tema central, o empreendedorismo feminino, dando início com a explanação no Brasil, com o foco nos relatórios Global Entrepreneurship Monitor (GEM), e as taxas descritas no mesmo, tal como taxas de empreendedores iniciais (TEA), taxas de empreendedorismo estabelecido (TEE) e taxa de empreendedorismo oportunidade (TEO). Fazendo uso de tabelas para melhor visualização dos resultados analisados, e discorrendo sobre os resultados e sua importância no tema.

Brasil é um país que apresenta diversas riquezas naturais ainda que relativamente pouco exploradas, o que possibilitaria uma grande explosão empreendedora. Para tanto, deve-se superar diversos obstáculos, como o acesso aos recursos financeiros, a legislação e os altos impostos, além de problemas relacionados a autoconfiança, a necessidade de desenvolver abordagens próprias ao Brasil que correspondem às características profundas da cultura brasileira, à disciplina empreendedora e a burocracia para iniciar os empreendimentos, visto que esses são os entraves que podem influenciar ou não na superação dos obstáculos para alavancar o empreendedorismo no Brasil (FILIOU, 2020, p. 33).

Segundo Chiavenato (2020, p. 11), ao realizar estudo sobre empreendedorismo em 29 países, observou-se que o Brasil encontra-se em 15ª posição do Ranking do Empreendedorismo por Oportunidades e a 4ª posição no Ranking do Empreendedorismo por Necessidades. Apesar deste cenário com poucas evoluções, surgem novos paradigmas que propõem uma abordagem diferenciada, permitindo descortinar elementos contidos na complexidade dos fenômenos socioeconômicos, como é o caso da Teoria da Mudança, que consiste no conjunto de ideias que buscam elucidar os fenômenos que geram mudanças sociais, abordando diversas áreas do conhecimento (RIBEIRO, 2020).

Conforme Bennett (1992), um novo estilo de empreendedor está surgindo, ele corresponde ao ecoempreendedor. Ser ecoempresário abrange uma grande variedade de negócios, tais como: recolhem materiais recicláveis para fábricas que os transformam em novos produtos; vendem para empresas e para o público produtos feitos com materiais reciclados; transformam óleo usado de motor, que seria jogado em estradas sujas, em lubrificantes de alta qualidade; reciclam os líquidos resfriados de aparelhos de ar condicionado quebrados ou desmontados; transformam embalagens plásticas de leite em um plástico parecido com “madeira”, que não apodrece nem exige manutenção; usam jornais velhos para fazer forragens

baratas e resistentes a bactérias, para animais de fazendas; transformam sedimentos e restos de alimentos em fertilizantes e corretivos de solo.

Existe também o empreendedor tecnológico que tem o seu perfil caracterizado pela familiaridade com o mundo acadêmico, por uma busca de oportunidades de negócios na economia digital e do conhecimento, que são responsáveis por uma cultura técnica que o leva a arriscar-se investindo em nichos de mercado em que a taxa de sobrevivência é baixa, e pela falta de visão de negócios e conhecimento das forças de mercado (INSTITUTO EUVALDO LODI, 2020).

De acordo com análise das taxas de empreendedores iniciais (TEA), observou-se que em 2015 foi um ano de crescimento no empreendedorismo independente do sexo, nos anos de 2016 e 2017 houve reduções nas taxas, com exceção dos empreendedores iniciais (TEA) do feminino em 2017 (Tabela 2). No ano de 2018 apresentaram as menores taxas de empreendedorismo iniciais (TEA) em ambos os sexos, enquanto o ano de 2019 o empreendedorismo inicial alavancou tanto para o sexo masculino quanto para o sexo feminino (Tabela 2).

Tabela 2 - Análise das taxas dos empreendedores iniciais (TEA) e das taxas de empreendedorismo estabelecido (TEE) ao longo de cinco anos. TEA – Taxa de Empreendedores Iniciais; TEE – Taxa de Empreendedores Estabelecidos

Ano/Variável	Taxa de Empreendedores			
	TEA masculino	TEA feminino	TEE masculino	TEE feminino
2015	21,70	20,30	21,30	16,60
2016	19,20	19,90	19,60	14,30
2017	19,90	20,70	18,60	14,40
2018	18,50	17,30	23,30	17,20
2019	23,50	23,10	18,50	13,90

Fonte: Elaborada pela autora com base nos relatórios do GEM 2015 a 2019.

Resultados semelhantes ao presente trabalho foi verificado por Pereira; Vasconcelos (2021), quando avaliaram o perfil do empreendedorismo inicial e suas motivações e verificaram taxas de TEA feminino de aproximadamente 23,3. Em 2015 verificou-se que o empreendedorismo estabelecido (TEE) masculino obteve a segunda maior taxa, e por sua vez foi superior ao (TEE) feminino. Nos anos de 2016, 2017 e 2019 ocorreram quedas nas taxas no empreendedorismo estabelecido (TEE) masculino e feminino. No ano de 2018 obteve a maior taxa de empreendedorismo estabelecido (TEE) masculino (Tabela 1).

Em 2015 verificou-se que o empreendedorismo estabelecido (TEE) feminino obteve a segunda maior taxa, nos anos de 2016 e 2017 houve uma estabilidade nas taxas (TEE), no ano de 2018 apresentou a maior taxa de TEE, e em 2019 ocorreu uma queda no empreendedorismo

estabelecido para o gênero feminino. Vale ressaltar que as taxas de (TEE) feminino foram inferiores ao masculino em todos os anos avaliados (Tabela 2).

O aumento significativo na taxa de empreendedores iniciais do sexo masculino e feminino está estreitamente ligado ao aumento na taxa de empreendedores nascentes no ano de 2019. Tal fato se deve ao crescimento social e econômico do país, no qual é possível observar que ocorreu a retomada da economia e a impulsão no meio empresarial e financeiro (GEM, 2019). Os resultados obtidos no presente trabalho justificam o crescimento da economia e a conquista do espaço das mulheres na sociedade, e desde então, a crescente participação delas no mundo dos negócios que não se deu apenas dentro das empresas já estabelecidas, mas também na aquisição de negócios novos. No entanto, existe uma diferença maciça entre os empreendimentos iniciais onde as taxas são altas e estabelecidos onde decaí essas taxas, pois não existe muito incentivo e políticas públicas que atendam essa demanda como forma de se manterem no mercado de trabalho, como também o preconceito com as mulheres, apesar de ter sido mudado ao longo dos anos, ainda precisa ser quebrado muitos tabus (FRANCO, 2014).

Diante de todo o cenário de dificuldades, a mulher brasileira com seu jeito individual de ser gestora, a cada dia consolida e invade o mercado de trabalho como empreendedora e, atualmente, representam a grande maioria dos novos empreendimentos do país, corroborando dessa forma com a sua conquista no espaço na economia nacional (CARRIJO; FERREIRA, 2017). Os dados apresentados na Tabela 2 revelam que no Brasil a relação de gênero homens e mulheres mostram proporções equilibradas no que se refere ao empreendedorismo inicial (TEA). As taxas apresentadas mostram que 20,2% das mulheres englobam empreendimentos em estágio inicial e 20,5% são dos homens. A diferença entre os gêneros aumenta quando são verificadas que as taxas estão relacionadas ao empreendedorismo estabelecido (TEE). Essas taxas chegaram a 23,3% entre os homens e 15,2% entre as mulheres. Dessa forma, uma minúscula diferença que era de apenas 0,4%, aumentou para 8,1% nos empreendimentos estabelecidos (TEE). Explicando simplificadamente, é estimado que exista aproximadamente 6 milhões de pessoas de sexo masculino a mais empreendendo nesta etapa.

Segundo Dornelas (2014), percebe-se uma tendência de crescimento de empreendedores tanto do gênero feminino quanto o masculino em atuação no Brasil, o que tem demonstrado uma mudança na percepção da importância e do impacto do empreendedorismo. Entre os fatores que influenciaram no crescimento do total de empreendedores no país desde o ano de 2014, foram: a estabilidade econômica, a globalização, as taxas de desemprego e as possibilidades advindas de uma nova economia. De acordo com a análise dos empreendedores iniciais (TEA), verificou-se que na 1ª avaliação a taxa específica de eficiência foi maior para o

(TEA) masculino, enquanto na 2ª e 3ª avaliação a taxa específica de eficiência foi maior para o (TEA) feminino (Tabela 3).

Tabela 3 - Análise das taxas Específica - Eficiência dos empreendedores iniciais (TEA) e das taxas de empreendedorismo estabelecido (TEE). TEA – Taxa de Empreendedores Iniciais; TEE – Taxa de Empreendedores Estabelecidos.

Avaliação	Taxa Específica – Eficiência			
	TEA masculino	TEA feminino	TEE masculino	TEE feminino
1ª	21,65	20,33	21,28	16,55
2ª	19,20	19,90	19,60	14,30
3ª	19,90	20,70	18,60	14,40

Fonte: Elaborada pela autora com base nos relatórios do GEM 2015 a 2019.

De acordo com a análise dos empreendedores estabelecidos (TEE), observou-se que na 1ª, 2ª e 3ª avaliação, a taxa específica de eficiência foi maior para o (TEE) masculino quando comparou-se com o (TEE) feminino (Tabela 3). Jonathan (2011), afirma que os resultados da adoção de práticas gerenciais e critérios que envolve o comportamento do empreendedor favorece a sobrevivência da empresa. Visto que, as mulheres empreendedoras enfrentam mais barreiras para constituir seus negócios do que os homens, esse dinamismo se deve à cultura, à presença predominante de homens nas atividades empreendedoras, o que pode ter contribuído para a geração de negócios estabelecidos de uma maneira mais forte. Por outro lado, a inserção da mulher no empreendedorismo, assim como vem ocupando outras áreas no mercado de trabalho vem crescendo ao longo dos anos, porém, ainda possuem uma tímida atuação nos negócios já estabelecidos.

Outra taxa de importância nessa pesquisa é a Taxa de Empreendedorismo Oportunidade (TEO), ao qual se caracteriza, como o próprio nome descreve, a oportunidade de um novo negócio, com vislumbre de uma complementação da renda, não somente pela necessidade de se ter um negócio. Pode-se observar que nessa análise de dados o masculino é superior ao feminino e o empreendedorismo estabelecido (TEE) feminino se mantém muito baixo nas três avaliações (Tabela 4).

Tabela 4 - Análise das taxas do empreendedorismo oportunidade (TEO) masculino e feminino em relação a taxa de empreendedorismo estabelecido (TEE) feminino. TEE – Taxa de empreendedorismo estabelecido; TEO – Taxa de empreendedorismo oportunidade.

Avaliação	Empreendedorismo Oportunidade		
	TEO masculino	TEO feminino	TEE feminino
1ª	63,00	52,00	16,55
2ª	66,00	53,00	14,30
3ª	56,10	43,90	14,40

Fonte: Elaborada pela autora com base nos relatórios do GEM 2015 a 2019.

Resultados semelhantes ao presente trabalho foi verificado por Pereira; Vasconcelos (2021), quando avaliaram o perfil do empreendedorismo estabelecido e suas motivações, verificaram taxas de TEE feminino de aproximadamente 16,20. Os dados do presente trabalho corroboram com os de Silva (2020), quando avaliaram as competências empreendedoras verificaram números crescentes em relação ao empreendedorismo de oportunidade no Brasil a partir de 2015, em seguida, houve um decréscimo nas taxas nos anos de 2016, 2017 e 2018. Em 2019 a TEO voltou a crescer a taxa de empreendedorismo oportunidade.

As altas taxas do empreendedorismo de oportunidade obtidos no presente trabalho justifica a afirmação de Dornelas (2016), quando diz que o desenvolvimento econômico não acontece apenas pela simples criação de empresas, mas pelo aproveitamento das oportunidades no mercado. Por essa razão, identificar a motivação dos empreendedores no momento de abrir um novo negócio deve ser considerado como um fator de extrema relevância na análise do crescimento do empreendedorismo no país ao longo dos últimos anos.

Tal fato ocorrido nesta pesquisa pode ser justificada, pois o empreendedorismo está associado à criatividade e a oportunidade. Visto que um verdadeiro empreendedor é criativo e faz com que essa criatividade expande para toda sua equipe gerando assim, uma cultura criativa e inovadora no seu negócio. Muitas vezes, um empreendimento pode não dar certo, porém, um verdadeiro empreendedor é cheio de superações e consegue facilmente transmitir uma enorme capacidade de inovação, melhorando sempre algo que não deu certo, pois para ele o fracasso se torna uma oportunidade de aprender e aperfeiçoar, não deixando se abalar (DORNELAS, 2018).

A capacidade de ser criativo é para todos, entretanto, há pessoas que se arriscam mais e transformam essa criatividade em sucesso, podendo ser criativo, promover tendências, criar negócios e com isso garantir a competitividade do seu empreendimento, fazendo que as coisas acontecem, antecipando aos fatos com uma visão futura da organização” (DORNELAS, 2018, p. 17). É importante ressaltar que existem vários motivos para se empreender, sendo o dono do seu próprio negócio, mas muitas vezes essa ideia pode não dar certo, porém, para o empreendedor isso é um aprendizado para a nova criação, não repetindo o mesmo erro. Conceitualmente Drucker (2018, p. 56), aponta algumas características que identificam o comportamento do empreendedor. Sendo elas:

a) Busca de mudança: o empreendedor está sempre buscando mudanças e a empreende como fonte de oportunidade.

b) Capacidade de inovar: considera os recursos como uma nova capacidade de criar riqueza, sendo ferramenta própria do espírito empreendedor.

c) Estabelecimento da cultura: estabelece e conserva a cultura de sua organização por meio de suas ações, crenças e valores, revelando o que deve ser feito.

d) Senso de missão: mantém senso de missão a cumprir, estabelecendo-a por meio da definição dos produtos que serão produzidos e de quais mercados serão atendidos.

A capacidade que um empreendedor possui, não se baseia em um conjunto de características da personalidade ou uma função econômica, mas se define em uma exploração de oportunidades, independentemente dos recursos alcançáveis, é um padrão lógico e mensurável de comportamento gerencial. Visto que, a motivação para a prática do empreendedorismo de oportunidade visa a ação de empreendedores visionários que sabem onde querem chegar e se preparam para alcançar ou realizar os seus sonhos (GEM, 2019).

Neves e Amarante (2020), tiveram como resultados iniciais o desejo de ser empreendedor e o sonho de ser e gerar a mudança na vida dos indivíduos e em sua vida. Dutra et al. (2019), constataram que a principal razão para a abertura do negócio foi o desejo de ter a própria empresa, seguido da identificação de oportunidade no mercado. No mundo em curso onde se caracteriza de uma forma de desemprego estruturado, nota-se de forma crescente, a presença também de um tipo de empreendedor que se move através da oportunidade, e dessa forma cabe a cada empreendedor um motivo, uma realidade, uma atitude e um sonho a ser realizado (VALE et al., 2014). Verifica-se no presente trabalho que o perfil do empreendedor em estágio estabelecido (TEE) para o gênero feminino é menos ativo que o masculino devido à uma série de dificuldades enfrentadas, dentre elas: não conseguem administrar um negócio consolidado que gerou qualquer forma de remuneração por mais de quarenta e dois meses (GEM, 2019).

O empreendedorismo é considerado um fenômeno global, assumindo uma posição de destaque no cenário político, econômico e social, e a sua relevância tem sido bastante discutida e explorada na contemporaneidade, através de estudos e pesquisas científicas, que procuram investigar qual é o seu perfil, quem são as pessoas e como ocorrem as oportunidades para a criação de um negócio (DA SILVA et al., 2019). Vários autores enfatizam que existe uma forte correlação entre o empreendedorismo, o crescimento e o desenvolvimento econômico e social. Diante disso, o empreendedorismo é considerado como uma importante perspectiva para desenvolver a economia e gerar empregos (BRUTON et al., 2010).

Neste cenário, há um consenso, entre os diversos autores, que destacam que o empreendedorismo se traduz na criação de novos empreendimentos, o que contribui para

alavancar a economia, impulsionar o comércio, criar novas oportunidades de negócios e gerar emprego para a população (LAMBING; KUEHL, 2007). Nesta lógica, é importante fazer a investigação e estudo sobre o cenário, evolução e relevância do empreendedorismo como prática de atividade empresarial brasileira no período de 2015 à 2019.

Filion (2000), salientou que diante das constantes transformações política, econômica, e da variedade, e diversidades de características dos empreendedores brasileiro, o desenvolvimento de trabalhos que busquem entender como ocorre o empreendedorismo e aponte sua evolução temporal, e contribuam para evidências sobre o perfil empreendedor, essas informações podem ser utilizadas para impulsionar e desenvolver o empreendedorismo no Brasil.

A taxa de empreendedorismo iniciais (TEA) de 2016 foi de 19,6%, apresentando redução em relação ao ano de 2015 que foi de 21,0%. A taxa de nascentes foi de 6,7% em 2015 e de 5,8% em 2016. De acordo com o GEM, no ano de 2016, a taxa de empreendedorismo para o Brasil (TTE) foi de 36,1%, correspondendo a 48,3 milhões de brasileiros com idade entre 18 e 64 anos que estavam envolvidos na criação ou manutenção de algum negócio na fase de empreendedor em estágio inicial ou estabelecido. Houve uma redução da taxa total de empreendedorismo (TTE), considerando o ano de 2015, quando a taxa foi de 39,3%. Esse impacto negativo na taxa de empreendedorismo, foi influenciada, principalmente, pela taxa de empreendedores estabelecidos (TEE), cuja variação foi de 18,9% no ano de 2015 para 16,5% em 2016 (GEM, 2016).

Analisando os dados obtidos das taxas de empreendedorismo entre os anos de 2015 e 2016, tem-se as seguintes observações: houve redução na taxa de empreendedores estabelecidos, indicando que alguns negócios desse grupo foram encerrados; o aumento identificado na taxa de empreendedores novos sugere que alguns empreendimentos nascentes se tornaram novos entre 2015 e 2016 enquanto alguns dos novos encerraram suas atividades ou se tornaram estabelecidos; por outro lado, a evolução identificada na taxa de empreendedores nascentes, pode indicar desaceleração da atividade empreendedora, mas não estagnação, uma vez que qualquer nível de empreendedorismo para esse estágio significa que o movimento de criação de novos negócios está acontecendo (HASHIMOTO et al., 2010).

Analisando a motivação dos empreendedores nascentes isoladamente da motivação dos novos, o cenário fica melhor definido. A proporção de empreendedorismo por necessidade aumentou em quatro pontos percentuais de 2015 a 2016, entre os empreendedores nascentes teve uma redução de nove pontos percentuais, demonstrando que o empreendedorismo por oportunidade aponta crescimento (PEDROSO et al., 2009).

Para Soares e Bastos (2017), ser empreendedor requer vencer muitos desafios, sendo necessário ter conhecimento, planejamento e ousadia. Segundo os autores, um dado preocupante é referente ao elevado índice de desemprego no país, o que conduz as pessoas a buscarem meios de sobreviverem considerando a possibilidade de construir seu próprio negócio, o que caracteriza a tomada de decisão de empreender, orientada pela necessidade, ou seja, são motivadas pela falta de alternativas e ofertas de trabalho e renda (TEIXEIRA et al., 2011).

Em 2017, no Brasil, a taxa total de empreendedorismo (TTE) foi de 36,4%, o que significa que de cada 100 brasileiros e brasileiras adultos (18 – 64 anos), 36 deles estavam conduzindo alguma atividade empreendedora, quer seja na criação ou aperfeiçoamento de um novo negócio, ou na manutenção de um negócio já estabelecido. Em números absolutos isso representa dizer que é de quase 50 milhões o contingente de brasileiros que já empreendem e/ou realizaram, em 2017, alguma ação visando a criação de um empreendimento em um futuro próximo (GEM, 2018).

Quando se compara o ano de 2017 com o 2016 pode-se dizer que não houve variação nas taxas gerais de empreendedorismo inicial e estabelecido no Brasil. Ficando evidente que foram mínimas as variações tanto na taxa de empreendedores iniciais quanto estabelecidos, permanecendo em torno de 20% e 17% respectivamente. Porém, ainda na comparação com o ano anterior, se observam variações nas taxas que compõe o grupo de empreendedores iniciais: um aumento na taxa de empreendedores novos indo de 14% para 16,3%, e o movimento contrário dos empreendedores nascentes, passando de 6,2% em 2016 para 4,4% em 2017.

A diminuição do percentual de empreendedores nascentes permite supor que os brasileiros consideraram menos a atividade empreendedora como alternativa de geração de ocupação e renda, o que pode ser resultado dos diversos sinais de recuperação da economia em 2017, sobretudo aqueles relacionados ao mercado de trabalho. Evidentemente não é possível afirmar, mas pode-se inferir que para muitos a esperança de conquista de um emprego formal foi mais forte que a expectativa de subsistência por meio de uma atividade empreendedora, sobretudo para aqueles empreendedores que criam seus negócios por uma questão de necessidade (VALARELLI; VALE, 2017).

Por outro lado, o aumento no percentual dos empreendedores novos indica que os empreendedores nascentes, de períodos anteriores, mantiveram suas atividades, tornando-se novos, e os empreendedores novos permanecem com os seus empreendimentos ativos. O segundo agrupamento das taxas gerais que o projeto GEM tradicionalmente elabora, diz respeito às taxas de empreendedorismo segundo a motivação do empreendedor, ou seja, que

fatores os levaram a se envolver com atividades empreendedoras. Neste caso as taxas se dividem em empreendedorismo por oportunidade e por necessidade (VIEIRA et al., 2014).

No Brasil, em 2018, a taxa de empreendedorismo total foi de 38. A partir desta informação, estima-se que aproximadamente 52 milhões de brasileiros entre 18 e 64 anos estavam realizando alguma atividade empreendedora, seja na criação e consolidação de um novo negócio ou na realização de esforços para a manutenção de negócios já estabelecidos. Considerando esses números é possível constatar que dois em cada cinco brasileiros estão envolvidos com atividades empreendedoras. Em relação às taxas de empreendedores iniciais e estabelecidos, observa-se em 2018 que a TEE (taxa de empreendedorismo estabelecido) é 20,2%, superando a TEA (iniciais) em pouco mais de dois pontos percentuais. Não é possível afirmar de forma categórica, porém, é plausível supor que 2018 foi um ano em que os empreendedores atuaram de forma a consolidar os negócios criados em períodos anteriores, ou seja, um certo contingente de empreendedores iniciais tornou-se estabelecido (SOUZA, LOPEZ JÚNIOR, 2011).

No Brasil, os dados de 2019 mostram que 23,3% da população adulta estava à frente de um negócio com até 3,5 anos e/ou envolvido na criação de um (a maior TEA, em 20 anos). Isso significa dizer que 38,7% da população adulta estava envolvida de alguma forma com a atividade empreendedora. Em 2002, apenas 13,5% da população adulta fazia parte dos Empreendedores Iniciais. Onde o ano de 2019 apresentou resultados extremamente positivos para o universo do empreendedorismo. Pode-se dizer que o maior deles foi o Brasil, atingindo a sua 2ª maior Taxa de Empreendedorismo Total. Quando se analisa os empreendedores estabelecidos de acordo com os dados do GEM (2015), verifica-se que pessoas mais velhas são mais ativas nos empreendimentos estabelecidos e na grande maioria são formadas por pessoas do sexo masculino (GEM, 2019).

Todavia Silva e Silva (2019), apresentaram resultados de que no Brasil, entre os anos de 2015 a 2019, houve flutuações com quedas e avanços, podendo ressaltar a importância da contribuição das mulheres na economia. E quando se trata da passagem dos empreendedores iniciais para os empreendedores estabelecidos, há um número maior de abandono do negócio por parte das mulheres do que pelos homens.

Tal fato pode ser explicado pelos seguintes fatores: o público feminino possui negócios que podem enfrentar maiores desafios e obstáculos; tipo de motivação para abrir um negócio, que no caso das mulheres seria por necessidade, apresentando um percentual maior do que dos homens. Por isso, é possível verificar que parte das mulheres encontra-se no empreendedorismo como um meio de renda em momentos de crise, mas que abandona o negócio quando há

melhora no orçamento familiar; e, outros aspectos culturais, como o maior envolvimento das mulheres nas atividades domésticas do que nas empreendedoras (GEM, 2019).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi exposto na primeira parte do estudo o conceito de empreendedorismo, a colaboração do Schumpeter na área, fatos e conceitos de empreendedorismo feminino, a questão do gênero no mercado de trabalho e no Brasil. Visto que o empreendedorismo tem muitos obstáculos para se desvincular, principalmente no âmbito cultural e social, como foi apresentado os dados apontando a agilidade do gênero feminino no campo dos negócios, e sua perspicácia em gerenciar e ser multitarefas. A principal observação quando se trata do Brasil como um todo é a predileção masculina e a desigualdade salarial no mercado de trabalho, e por sua vez, nos empreendimentos e novos negócios.

Como foi explanado a dificuldades do gênero feminino no campo do empreendedorismo, na apresentação dos dados do GEM e como essa pesquisa é necessária para um fortalecimento e visibilidade no território brasileiro para empreendimentos femininos, com o intuito de gerar mais credibilidade para elas, e apresenta a importância da força e gestão feminina, o que gera resultados reais nos negócios e contribui para uma melhor igualdade de gênero, assim como o aparato da economia feminina, que também é outro tema bastante relevante para o entendimento do assunto, que foi abordado de forma breve nesse trabalho.

O presente estudo mostrou que o Brasil nos últimos anos (2015 a 2019) apresentou um crescimento significativo em relação ao empreendedorismo, assim como avanço significativo na contribuição do sexo feminino na economia, e no aumento do empreendedorismo por oportunidade. Podendo ser comprovado nos anos de 2018 e 2019 quando houve aumento nas taxas de empreendedores iniciais (TEA) e empreendedorismo estabelecido (TEE) tanto para o gênero masculino quanto para o feminino.

A taxa de específica-eficiência foi maior para os empreendedores iniciais (TEA) do sexo masculino apenas na 1ª avaliação, enquanto os empreendedores iniciais (TEA) do sexo feminino se destacaram na 2ª e 3ª avaliação. E na 1ª, 2ª e 3ª avaliação, a taxa específica de eficiência foi maior para o empreendedorismo estabelecido (TEE) do sexo masculino quando comparou-se com o (TEE) feminino.

O empreendedorismo oportunidade (TEO) masculino foi superior ao feminino, observando que o empreendedorismo estabelecido (TEE) feminino se manteve muito baixo nas três avaliações. Apesar de observar a estabilidade e maior período de sobrevivência dos negócios para o sexo masculino. Vale ressaltar a ascensão de empreendedores iniciais para o sexo feminino, contribuindo para o desenvolvimento da economia brasileira ao iniciarem

atividades lucrativas, gerando empregos e rendas, e reduzindo de forma gradativa o preconceito de gênero para essas atividades.

Contudo, este é um tema abrangente onde há muito o que ser estudado. Assim, apresenta-se como sugestão para trabalhos futuros o aprofundamento do estudo do empreendedorismo e o preconceito de gênero, o que poderia trazer mais resultados, e serviria de comparativo com os dados obtidos no presente trabalho. Além disso, vale ressaltar a contribuição deste estudo sobre empreendedorismo feminino, trazendo importantes resultados que contribuem para uma maior compreensão da mulher que busca no empreendedorismo uma forma de se desenvolver profissionalmente e de se libertar dos preconceitos impostos pela sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Ivana Carneiro; ANTONIALLI, Luiz Marcelo; GOMES, Almira Ferraz. Comportamento estratégico de mulheres empresárias: estudo baseado na tipologia de Miles e Snow. **Revista Ibero Americana de Estratégia**, v. 10, n. 1, p. 102-127, 2011.
- ALPERSTEDT, Graziela Dias; FERREIRA, Juliane Borges; SERAFIM, Maurício Custódio. Empreendedorismo feminino: dificuldades relatadas em histórias de vida. **Revista de Ciências da Administração**, v. 16, n. 40, p. 221-234, 2014.
- AMORIM, Rosane Oliveira; BATISTA, Luiz Eduardo. **Empreendedorismo feminino: razão do empreendimento**. Núcleo de Pesquisa da FINAN, v. 3, n. 3, p. 1-14, 2012.
- ANDRADE FILHO, L. **Empreendedorismo: desenvolvimento e implementação de um modelo de ensino pela internet**. 2000. 114 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.
- BARBOSA, Fernando de Holanda. **A crise econômica de 2014/2017**. Estudos avançados, v. 31, p. 51-60, 2017.
- BARBOSA, Rosimar Pereira. Relações de gênero e a lógica da competência no mercado de trabalho. **Revista de Carreiras e Pessoas**, v. 3, n. 2, p. 36-52, 2013.
- BARROS, Suzane Carvalho da Vitória; MOURÃO, Luciana. **Panorama da participação feminina na educação superior, no mercado de trabalho e na sociedade**. Psicologia & Sociedade, v. 30, 2018.
- BENNETT, Steven. J. **Ecoempreendedor: oportunidades de negócios decorrentes da revolução ambiental**. São Paulo: Makron Books, 1992.
- BRASIL. **Brasil registra recorde na abertura de novos negócios em 2021**. Governo do Brasil: Economia e Gestão Pública. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/financas-impostos-e-gestao-publica/2022/03/brasil-registra-recorde-na-abertura-de-novos-negocios-em-2021>. Acesso em: 15 de junho de 2022.
- BRASIL. **Lei nº 13.874, de 20 de setembro de 2019: Institui a Declaração de Direitos de liberdade Econômica**. Governo do Brasil: Secretaria Geral. 2019.
- BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. **Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos**. Cadernos de Pesquisa, v.37, n. 132, p. 537-572, 2007.
- BRUTON, Garry D.; AHLSTROM, David; LI, Han-Lin. **Institutional theory and entrepreneurship: Where are we now and where do we need to move in the future?** Entrepreneurship Theory and Practice, v. 34, n. 3, p. 421-440, 2010.
- BURNS, Tom R.; DEVILLE, Philippe. **Teorias dos sistemas dinâmicos: teorizações sobre o capitalismo e a sua evolução**. Sociologia, Problemas e Práticas, (50), 11-44. 2006.

CALÁS, Marta B. et al. **From the ‘woman’s point of view’**: Feminist approaches to organization studies. *Studying organization: Theory and method*, v. 212, p. 251, 1999.

CALÁS, Marta B.; SMIRCICH, Linda. **Do ponto de vista da mulher**: abordagens feministas em estudos organizacionais. *Handbook de estudos organizacionais*, v. 1, p. 275-329, 1999.

CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves et al. A produção científica sobre gênero nas organizações: uma meta-análise. **Revista Eletrônica de Administração**, v. 13, n. 3, p. 502-528, 2007.

CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves et al. **Uma análise da dinâmica do poder e das relações de gênero no espaço organizacional**. *RAE eletrônica*, v. 3, 2004.

CORITIBA. Pesquisa Completa. 2015 - Empreendedorismo no Brasil 2015. Curitiba: IBQP, 2016.

GIMENEZ, Fernando Antonio Prado; FERREIRA, Jane Mendes; RAMOS, Simone Cristina. Empreendedorismo Feminino No Brasil: Gênese E Formação De Um Campo De Pesquisa (Female Entrepreneurship in Brazil: Genesis and Formation of a Research Field). **REGEPE-Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 6, n. 1, p. 40-74, 2017.

CARVALHO NETO, Antonio Moreira de; TANURE, Betania; ANDRADE, Juliana. **Executivas**: carreira, maternidade, amores e preconceitos. *RAE eletrônica*, v. 9, 2010.

CARVALHO, Géssika C. **Reduzindo as desigualdades de gênero**: uma análise do Programa Nacional Trabalho e Empreendedorismo da mulher em Pernambuco. *Foco*, v. 10, n. 1, p. 9-23, 2017.

CHAYANOV, Alexander V. **On the theory of non-capitalist economic systems**. *The theory of peasant economy*, p. 1-28, 1966.

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo**: dando asas ao espírito empreendedor. Editora Manole, 2004.

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo**: dando asas ao espírito empreendedor. São Paulo: Saraiva, 2014.

COLEMAN, S. "**Access to capital**: A comparison of men and women-owned small business", *Frontiers of Entrepreneurship Research*, Wellesley, MA: Center for Entrepreneurial Studies, Babson College, 1998.

CRAMER, Luciane et al. Representações femininas da ação empreendedora: uma análise da trajetória das mulheres no mundo dos negócios. **Iberoamerican Journal of Entrepreneurship and Small Business**, v. 1, n. 1, p. 53-71, 2012.

DA SILVA, José Alan Barbosa; SCHLAG, Fabricio; DA SILVA, Solange. Trade-offs de custos logísticos: uma avaliação de conhecimento em uma multinacional. **Revista Produção Online**, v. 19, n. 1, p. 179-202, 2019.

- DA SILVA, Marcio Denis. **Análise bibliométrica:** mapeamento do efeito da burocracia no empreendedorismo. Dissertação (Mestrado). UFERSA (Universidade Federal Rural do Semi-Árido). 2021.
- DA SILVA, Mygre Lopes; DA SILVA, Rodrigo Abbade. **Economia brasileira pré, durante e pós-pandemia do covid-19:** impactos e reflexões. Observatório Socioeconômico da Covid-FAPERGS, 2020.
- DE OLIVEIRA, Jaqueline Pereira. **Mulheres na economia solidária:** possibilidade de reconhecimento e emancipação social. *Sociedade e Cultura*, v. 11, n. 2, p. 325-332, 2008.
- DOLABELA, Fernando. **Oficina do Empreendedor.** 1 Ed. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.
- DORNELAS, José Carlos de Assis. **Empreendedorismo.** 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2018.
- DORNELAS, José Carlos de Assis. **Empreendedorismo:** transformando ideias em negócios. 5.. ed. Rio de Janeiro: Empreende: LTC, 2014.
- DORNELAS, José Carlos de Assis. **Transformando ideias em negócios.** 3.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2018.
- DORNELAS, José Carlos de Assis. **Empreendedorismo para visionários:** desenvolvendo negócios inovadores para um mundo em transformação. 1.. ed. Rio de Janeiro: Empreende: LTC, 2016.
- DRUCKER, Peter F. **Inovação e espírito empreendedor.** São Paulo: Cengage Learning Editores, 2018.
- FARIAS, Thais Rodrigues et al. Empreendedorismo feminino no desenvolvimento da agricultura familiar. **Revista Ciências da Sociedade**, v. 4, n. 7, p. 130-143, 2020.
- FERREIRA, Jane Mendes; NOGUEIRA, Eloy Eros Silva. Mulheres e suas histórias: razão, sensibilidade e subjetividade no empreendedorismo feminino. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 17, p. 398-417, 2013.
- FILION, Louis Jacques. Empreendedorismo e gerenciamento: processos distintos, porém complementares. **Revista de Administração de Empresas**, v. 40, p. 2-7, 2000.
- FILION, Louis Jacques. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de administração**, v. 34, n. 2, p. 5-28, 1999.
- FRANCO, Michele Maria Silva et al. **Empreendedorismo feminino:** Características empreendedoras das mulheres na gestão das micro e pequenas empresas. Encontro de Estudo em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas empresas. Encontro sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas (EGEPE). Goiana, Goiás, Brasil, v. 8, 2014.

FREEMAN, Christopher. **The diffusion of technical innovation and changes of techno-economic paradigm**. Veneza. 18-22 mar. (Conferências sobre difusão de inovações, paper; mimeo). 1986.

GALINKIN, Ana Lucía; SANTOS, Claudiene; ZAULI-FELLOWS, Amanda. **Estudos de gênero na psicologia social**. Gênero e psicologia social: interfaces. Brasília: Technopolitik, 2010.

GEM - Global Entrepreneurship Monitor. 2015-2016 - **Empreendedorismo no Brasil**: Relatório executivo. Curitiba: IBQP, 30 p.

GEM - Global Entrepreneurship Monitor. 2017 – **Empreendedorismo no Brasil: 2017**. Curitiba: IBQP, 174 p.

GEM - Global Entrepreneurship Monitor. 2018 - **Empreendedorismo no Brasil**: Relatório executivo. Curitiba: IBQP, 26 p.

GEM - Global Entrepreneurship Monitor. 2019 - **Empreendedorismo no Brasil**: Relatório executivo. Curitiba: IBQP, 30 p.

GEM - Global Entrepreneurship Monitor. 2020 - **Empreendedorismo no Brasil**: Relatório executivo. Curitiba: IBQP, 30 p.

GEM – Global Entrepreneurship Monitor. 2020/2021. **Global Report**. BABSON: GEM GLOBAL SPONSOR/FOUNDING INSTITUTION. 2020/2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**/Antonio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008. p. 200.

GIMENEZ, F. A. P. **Trajетórias empresariais femininas**: estudo comparativo entre empreendedoras e sucessoras de empresas familiares (Projeto de Pesquisa CNPQ). Curitiba, PR, Brasil, 2010.

GIMENEZ, F. A. P.; TÓFFOLO, K. S. **Empreendedorismo feminino rural**: Jane calamidade ou Scarlett O'Hara. In: SOUZA, E. C. L.; GUIMARÃES, T.A (Org.). **Empreendedorismo além do plano de negócio**. São Paulo: Atlas, 2015.

GOMES, Almiralva Ferraz et al. Trajetórias e estratégias de mulheres: um estudo conquistense. **REGE Revista de Gestão**, v. 16, n. 1, p. 67-87, 2009.

GOUVEIA, Carla; BAPTISTA, Martinho. **Teorias sobre a motivação**: teorias de conteúdo. Instituto Politécnico de Coimbra. Coimbra, Portugal. 2007.

GUEDES, Moema de Castro. **Percepções sobre o papel do Estado, trabalho produtivo e trabalho reprodutivo**: uma análise do Rio de Janeiro. cadernos pagu, 2016.

HASHIMOTO, Marcos. **Espírito empreendedor nas organizações**. Saraiva Educação SA, 2017.

HASHIMOTO, Marcos et al. Relações entre intra-empendedorismo, clima organizacional e desempenho financeiro – um estudo sobre as melhores empresas para se trabalhar no Brasil. *In: ENCONTRO DA ANPAD*, 34. 2010, Rio de Janeiro, **Anais...** Rio de Janeiro: XXXIV ENANPAD. 2010.

HISRICH, Robert. D.; PETER, Michael. P. **Empendedorismo**. Porto Alegre: BOOKMAN. 2014.

INSTITUTO EUVALDO LODI - **Empendedorismo: ciência, técnica e arte**. Brasília: CNI. IEL Nacional, 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA – INEP. (2015). **Censo da Educação Superior 2014 – Notas Estatísticas**.

Recuperado de:

http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2015/notas_sobre_o_censo_da_educacao_superior_2014.pdf. Acesso em: 10 dez. 2021.

JABLONSKI, Bernardo. **A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento**. *Psicologia: Ciência e profissão*, v. 30, p. 262-275, 2010.

JONATHAN, Eva G. **Empendedorismo feminino no setor tecnológico brasileiro: dificuldades e tendências**. *Encontro de Gestão Estratégica de Pequenas Empresas*, v. 3, p. 41-53, 2003.

JONATHAN, Eva G. **Mulheres empreendedoras: o desafio da escolha do empreendedorismo e o exercício do poder**. *Psicologia Clínica*, v. 23, p. 65-85, 2011.

JONATHAN, Eva G.; DA SILVA, Taissa MR. **Empendedorismo feminino: tecendo a trama de demandas conflitantes**. *Psicologia & Sociedade*, v. 19, p. 77-84, 2007.

KANAN, Lilia Aparecida. **Poder e liderança de mulheres nas organizações de trabalho**. *Organizações & Sociedade*, v. 17, p. 243-257, 2010.

LA ROVERE, Renata; SANTOS, Guilherme; MATOS, Ligia Inhan. **Percepções sobre políticas para a promoção do empreendedorismo no Brasil e suas implicações para a discussão sobre capacidades estatais**. *Desenvolvimento em Debate*, v. 7, n. 2, p. 29-47.

LAMBING, Peggy. A.; KUEHL, Charles. R. **Entrepreneurship** (4th ed.). New Jersey: Prentice Hall. 2007.

LAMBING, Peggy. A.; KUEHL, Charles. R. **Entrepreneurship**. 4th ed. New Jersey: Prentice Hall. 2007.

LEITE, Emanuel Ferreira. **O fenômeno do empreendedorismo**. Saraiva Educação SA, 2017.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista katálisis**, v. 10, p. 37-45, 2007.

LÓPEZ-RUIZ, Osvaldo. **Os executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo: capital humano e empreendedorismo como valores sociais.** Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007.

LUNDSTRÖM, Anders et al. **Entrepreneurship policy: Theory and practice.** New York: Springer, 2005.

McCLELLAND, David Clarence. **A sociedade competitiva: realização e progresso social.** Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1972.

McCLELLAND, David Clarence. **The Achieving Society.** New York: VanNostrand, 1961.

MOURÃO, Tânia Maria Fontenele; GALINKIN, Ana Lúcia. **Equipes gerenciadas por mulheres: representações sociais sobre gerenciamento feminino.** *Psicologia: reflexão e crítica*, v. 21, p. 91-99, 2008.

MURPHY, Patrick J.; LIAO, Jianwen; WELSCH, Harold P. **A conceptual history of entrepreneurial thought.** *Journal of management history*, v. 12, n. 1, p. 12-35, 2006.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.** Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/5>. Acesso em: 15 de junho de 2022.

NEVES, Isabela Dias; AMARANTE, Juliana Marangoni. De Empregado A Empregador: Compreensão das Trajetórias Empreendedoras de Ex-Funcionários de Empresas e TI Na Cidade De Maringá-Pr. **Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo**, v. 5, n. 4, p. 198-223, 2020.

NOBRE, Mirian Pacheco; MIGUEL, Maysa Mourão; MORENO, Renata; FREITAS, Tais Viudes de. Economia feminista e soberania alimentar. *SOF*. p.12
OIT - ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Igualdade de gênero e raça no trabalho: avanços e desafios.** Brasília, 2010.

OLIVEIRA, Juliana. Krieger. et al. Participação Feminina na Economia Criativa. *In: International Symposium on Technological Innovation*, 9. 2018, Sergipe. **Anais...** Sergipe: UFS, 2018. Disponível em: <http://www.api.org.br/conferences/index.php/ISTI2018/ISTI2018/paper/view/565>. Acesso em: 30 nov. 2021.

PEDROSO, José Pedro Penteadó; MASSUKADO-NAKATANI, Márcia Shizue; MUSSI, Fabrício Baron. A relação entre o jeitinho brasileiro e o perfil empreendedor: possíveis interfaces no contexto da atividade empreendedora no Brasil. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, v. 10, p. 100-130, 2009.

DA FONSECA PEREIRA, Tarcia Magley; DE VASCONCELOS, César Ricardo Maia. **Perfil do empreendedorismo inicial e estabelecido e suas motivações.** *Research, Society and Development*, v. 10, n. 8, p. e27810817352-e27810817352, 2021.

PEREZ, Carlota. **Technological revolutions and techno-economic paradigms.** *Cambridge Journal of Economics*, v. 34, pp. 185–202, 2009.

PROBST, E. R. **A Evolução da mulher no mercado de trabalho**. 2015.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Universidade Feevale. 2013.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO – PNUD. **Relatório de Desenvolvimento Humano Nacional**. 2015.

RIBEIRO, Antonio. Teoria de mudança: Aplicações e aprendizados em uma experiência brasileira. **Revista Brasileira de Avaliação**, v. 9, p. 4-15, 2020.

SAMUELSON, Pamela; VARIAN, Hal R. **Varian The "New Economy" and Information Technology Policy University of California, Berkeley*** Publication Version: July 18, 2001.

SANTOS, Juliana A. dos. Desigualdade Social e o Conceito de Gênero. **Revista Virtú - ICH**, on-line, ISSN 1808-9011. Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), 2010.

SAY, Jean-Baptiste. **Tratado de economia política** [Coleção Os economistas]. B. Barbosa Filho, Trad.). São Paulo: Abril Cultural. (Obra original publicada em 1803), 1983.

SCHUMPETER, J. (1961). **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura. (Obra original publicada em 1942).

SCHUMPETER, Joseph. A. **Teoria do Desenvolvimento Econômico**, São Paulo: abril, 1982.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres agricultoras no Brasil: sujeitos políticos na luta por soberania e segurança alimentar**. In: Lagarde, M.; Valcarcel, A. (Org.). Pensamiento Iberoamericano: feminismo, gênero e igualdade. Madrid: Egraf, 2011. p. 169-183.

DA SILVA, José Alan Barbosa; SILVA, Murilo Sergio Vieira. Análise da evolução do empreendedorismo no Brasil no período de 2002 a 2016. **Revista Estudos e Pesquisas em Administração**, v. 3, n. 2, p. 115-137, 2019.

SILVEIRA, Amélia; DE GOUVÊA, Anna Beatriz Cautela Tvrzka. Empreendedorismo feminino: mulheres gerentes de empresas. **Revista de Administração FACES Journal**, 2008.

SILVEIRA, Clara M. H; COSTA, Renata G. da. **Patriarcado e Capitalismo: binômio dominação-exploração nas relações de gênero**. IV Seminário Trabalho e Gênero: 55 protagonismo, ativismo e questões de gênero revisitadas (ISSN 2178-0366) - Universidade Federal do Goiás (UFG). Goiânia, 2012.

SOARES, A. P.; BASTOS, D. Empreendedorismo e planejamento: um estudo sobre a utilização do plano de negócios nas pequenas e médias empresas. In: SIMPÓSIO DE GESTÃO E ESTRATÉGIA EM NEGÓCIOS, 5, 2007. Seropédica/RJ. **Anais...** Seropédica/RJ: SIMGEN. 2017.

SOMBART, Werner. **El apogeo del capitalismo**. México: Fondo de Cultura Económica. (Obra original publicada em 1902). 1946.

SOUZA, Eda Castro Lucas; JÚNIOR, Gumersindo Sueiro Lopez. Empreendedorismo e desenvolvimento: uma relação em aberto. **RAI Revista de Administração e Inovação**, v. 8, n. 3, p. 120-140, 2011.

SOUZA, Elisangela Souza e SANTOS, Silvania Pereira Dos. **Mulheres no Mercado de Trabalho**: Um estudo com estudantes universitários de uma faculdade particular de São Paulo, 2014.

STROBINO, Márcia Regina de Campos; TEIXEIRA, Rivanda Meira. Empreendedorismo feminino e o conflito trabalho-família: estudo de multicasos no setor de comércio de material de construção da cidade de Curitiba. **Revista de Administração (São Paulo)**, v. 49, p. 59-76, 2014.

TEIXEIRA, Marilane O. et al. **Um olhar da economia feminista para as mulheres**: os avanços e as permanências das mulheres no mundo do trabalho entre 2004 e 2013. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas, 2017.

TEIXEIRA, Rivanda Meira et al. Empreendedorismo jovem e a influência da família: a história de vida de uma empreendedora de sucesso. **REGE-Revista de Gestão**, v. 18, n. 1, p. 3-18, 2011.

VALARELLI, M. M.; VALE, G. M. V. **Informalidade e cidadania**: empreendimento informais no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IBASE. 2017.

VALE, Gláucia Maria Vasconcellos; CORRÊA, Victor Silva; REIS, Renato Francisco dos. Motivações para o empreendedorismo: necessidade versus oportunidade? **Revista de Administração Contemporânea**, v. 18, p. 311-327, 2014.

VERSPAGEN, Bart et al. **Economic growth and technological change an evolutionary interpretation**. ECIS & MERIT, 2000.

VIEIRA, Eduardo Baptista; ATAÍDE, Fabrício; CURVINA, Vinólia Maria Costa. **Reflexos da pandemia da COVID-19 na participação das mulheres no mercado de trabalho do Brasil**. Boletim Economia Empírica, v. 2, n. 10, 2021.

VIEIRA, Saulo Fabiano Amâncio et al. A visão dos estudantes universitários de Administração sobre empreendedorismo: comparações entre o Estudo Guesss Brasil 2011 com o levantamento realizado na Universidade Estadual de Londrina- PR. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 3, n. 3, p. 77-103, 2014.

VILLAS BOAS, Andréa. **Valor Feminino**: desperte a riqueza que há em você – São Paulo: Ed. Do autor, 2010.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Raízes históricas do campesinato brasileiro**. In: Tedesco, J.C. (Org.). Agricultura familiar realidades e perspectivas. 2 ed. Passo Fundo: EDIUPE, p. 21- 55. 1999.

ZARPELLON, Sérgio Cristóvão. O empreendedorismo e a teoria econômica institucional. **Revista Iberoamericana de Ciências Empresariais y Economía**, v. 1, n. 1, p. 47-55, 2010.